

## Recortes de Imprensa

Março 2009

## Violência Doméstica

# Lei é aprovada mas não reúne consenso

A proposta de lei do PS sobre prevenção de violência doméstica e protecção e assistência às vítimas foi aprovada na Assembleia da República, mas não de forma consensual. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) “não está totalmente convencida das virtudes da lei”.

**Joana Germano**  
.....

Tal como antecipámos na última edição do JBG, a Assembleia da República (AR) recebeu no dia 12 de Fevereiro a proposta de lei nº 665/2008 respeitante à violência doméstica.

Entre outras medidas, a proposta prevê a detenção do agressor sem ser em flagrante delito e a utilização da pulseira electrónica para o afastar da vítima. Também os processos de violência doméstica passam a ter carácter de urgência e a apresentação do detido ao juiz pode ocorrer no prazo de 48 horas

após o delito. Uma das grandes alterações desta lei proposta pelo PS é o alargamento do estatuto de vítima, pois as soluções para acolhimento vão ser alargadas aos idosos, aos menores e aos homossexuais.

A proposta de lei do Governo sobre prevenção da violência doméstica e protecção e assistência às vítimas, apesar de não reunir consenso nos outros partidos que se fazem representar na AR, foi aprovada no dia 13 de Fevereiro com o apoio de PS e PSD.

**Lei caracterizada por  
“alguma ambiguidade  
estrutural”**

Ainda no período que antecedeu a aprovação da proposta de lei a APAV lançou um comunicado no qual refere “não estar totalmente convencida das virtudes da proposta”, acrescenta também que o projecto caracteriza-se por “alguma ambiguidade estrutural”. Rita Bessa da APAV na edição de Janeiro do JBG alertou que “o apoio à vítima não pode esperar pelos prazos do processo-crime”, já em relação ao flagrante delito a responsável esclareceu que “há necessidade de medidas de actuação rápidas e em conformidade com as vítimas, pois na maioria das situações as medidas de coacção só podem actuar quando o atacante é constituído arguido”.



**As mulheres continuam a ser as principais vítimas de violência doméstica**

Recorde-se que, segundo o balanço de 2008 da APAV, a violência doméstica é uma realidade visível e inconteste. A confirmar estão os números apresentados pela associação que

demonstra que só no ano passado 6980 pessoas queixaram-se à APAV, o que representa um aumento 17,4% em relação a 2007, que teve 5944 queixas.

ID: 23998147

19-02-2009

# Violência doméstica

## aumenta em Trás-os-Montes

Durante 2008 verificaram-se 373 casos de violência, sinalizados pela Delegação de Vila Real da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, APAV. Os números reflectem um aumento de 3,7% em relação a 2007. Esta tendência parece continuar já que, segundo a responsável pela Delegação, Elisa Brites, desde Janeiro até meados deste mês, foram registados 60 novos casos

**Página 3**



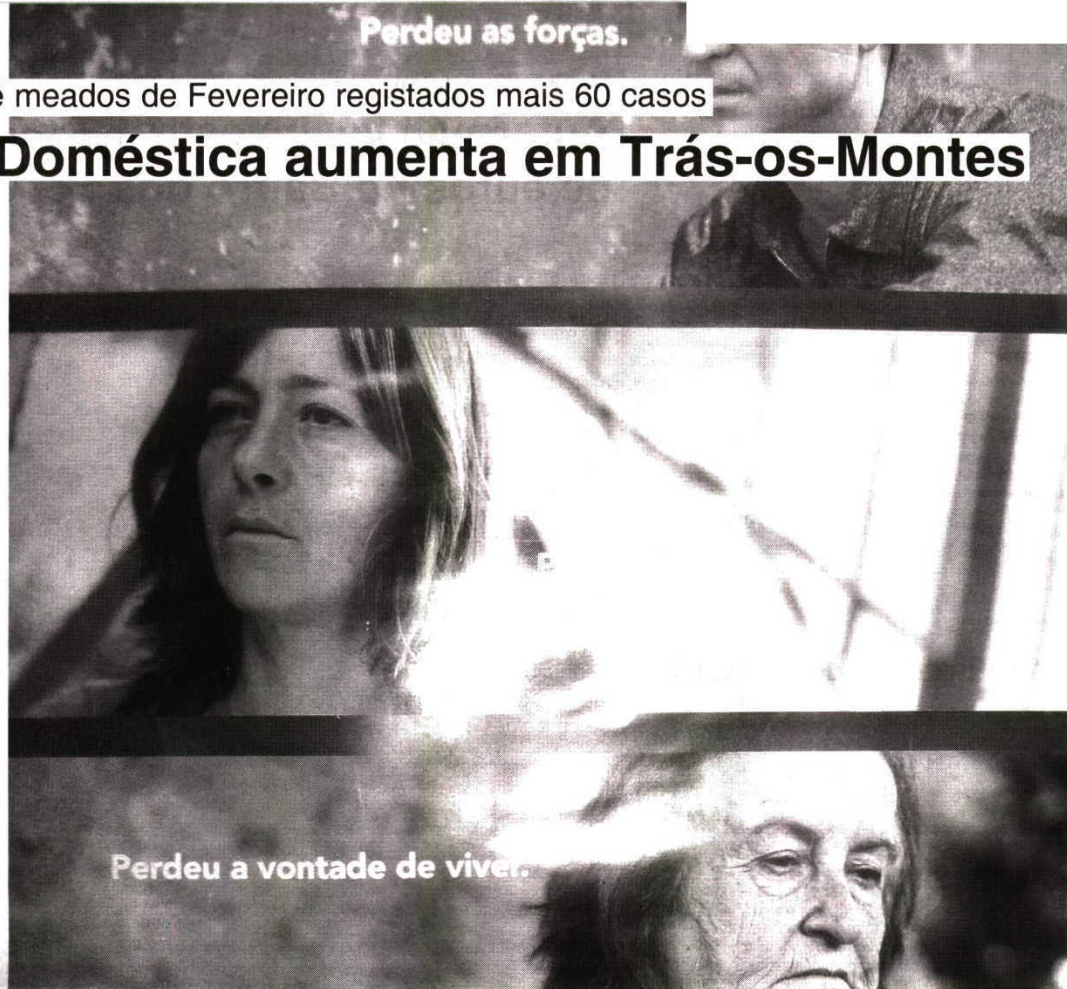
Perdeu as forças.

Desde Janeiro até meados de Fevereiro registados mais 60 casos

## Violência Doméstica aumenta em Trás-os-Montes

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, APAV, deu a conhecer os números preocupantes de maus-tratos e violência doméstica referentes a 2008. A região de Trás-os-Montes, abrangida pela delegação da APAV de Vila Real, teve 373 casos sinalizados no último ano, o que representa mais 3,7 por cento do que em 2007. Números que projectam os distritos de Vila Real e Bragança para o 13.º lugar entre os 22 a nível nacional. Em 2009, os números continuam a ser preocupantes. Só desde Janeiro até meados de Fevereiro, a delegação de Vila Real já registou mais sessenta casos de violência doméstica.

José Manuel Cardoso



Perdeu a vontade de viver.

Hoje assinala-se o Dia Europeu da Vítima do Crime, a APAV irá assinalar a efeméride com a realização, em Lisboa, do Seminário/Debate "Prevenção Integrada da Violência: as 4 dimensões - relacionamentos, sexualidade, igualdade de género e dependências". A responsável pela Delegação da APAV de Vila Real, Elisa

**"Ainda há muitas situações de vitimação e a procura continua a ser muita"**

Brites, abordou, ao Nosso Jornal, os dados de 2008 e a intervenção do organismo para mediar e ajudar a resolver muitos destes dramas sociais. "Os números de 2008 subiram ligeiramente. É natural que nos próximos anos eles continuem a subir. Ainda há muitas situações de vitimação e a procura continua a ser muita. Posso adiantar que, até ao momento, o Gabinete de Apoio à Vítima já vai com cerca de 60 novos casos, desde o início do ano, e tem aumentado o número de pessoas que procuram a APAV enquanto vítimas de crimes".

No que respeita à Região de Trás-os-Montes, as situações de vitimação doméstica atingem "cerca de 95 por cento do total das situações registadas, na maioria são mulheres e os agressores são homens. Os distritos de Vila Real e Bragança receberam mais queixas de agressões físicas e psicológicas. As formas que o agressor utiliza para controlar a companheira ou

companheiro são a intimidação e a coacção". Contudo, emerge uma nova forma de violência. "Estão a aparecer com mais frequência sinalizações de actos de agressão contra idosos. Uma parte deles integrados no contexto familiar em que os agressores são familiares próximos, filhos e pessoas que convivem com eles. Efectiva-se através do controle económico por um lado, e também, muitas vezes, com actos de negligência, em que não são dados os cuidados mínimos, seja a nível da alimentação ou da higiene", referiu Elisa Brites.

Segundo esta responsável, a violência doméstica não escolhe idades. "Muitas vezes, notamos estes comportamentos desviados numa fase muito precoce, ao nível da adolescência, nas escolas e nas relações de namoro culminando, muitas vezes, em união de facto ou casamento. Tem a ver com diversos factores, como a forma de estar e de ser, a educação, o ambiente cultural onde o indivíduo está inserido. Infelizmente, continuamos a ter este tipo de conduta e nós tentamos ajudar a resolver estas situações. As pessoas podem pedir ajuda aqui no Gabinete de Vila Real, situado nas instalações do Governo Civil".

Em relação à data que hoje se comemora, Elisa Brites deixou uma mensagem. "É importante assinalar esta data com o intuito de lembrar que há pessoas que são vítimas de todo o tipo de crimes. Nunca é de mais lembrar. A população tem que estar alertada para a violência que existe nas mais diversas formas de crime, e que há maneira de resolver

através do apoio que prestamos. Em conjunto poderemos ultrapassar essa problemática".

Em 2008, nos distritos de Vila

**"Estão a aparecer com mais frequência sinalizações de actos de agressão contra idosos"**

Real e Bragança foram registados 250 casos de Violência Doméstica, sendo que 90 por cento dos agressores são do sexo masculino.

A nível nacional, os números não diferem com 90 por cento dos autores dos crimes são também homens e situam-se numa faixa

etária dos 26 aos 55 anos de idade (43,2%).

Relativamente aos dados de identificação da vítima, a tendência mantém-se inalterável uma vez que continuam a ser, maioritariamente, as utentes do sexo feminino (87,1%) as vítimas mais visadas. A faixa etária mais atingida, tal como em anos anteriores, mantém-se entre os 26 e os 45 anos de idade. Sendo que as características familiares das vítimas de crime encontram-se grandemente associadas à chamada família tradicional, onde 47,6 por cento das vítimas são casadas e 52,6 por cento pertencem a uma família nuclear com filhos.

Os crimes de maior relevo encontram-se distribuídos por seis categorias: a violência doméstica, os crimes contra as pessoas e

humanidade, os crimes contra o património, a vida em sociedade e o Estado, os crimes rodoviários e outros crimes. De entre estas seis categorias, a violência doméstica é, sem dúvida, a que mais se destaca. No global, esta categoria representa 90 por cento dos 18 669 crimes assinalados.

Os crimes com maior relevo são os maus-tratos físicos (27,1%) e psíquicos (30,9%). De entre os 6980 casos de violência doméstica, cerca de 90 por cento dos mesmos foram praticados contra mulheres, situando-se estas fundamentalmente nas faixas etárias entre os 26 e os 45 anos de idade (34,6%).

Refira-se ainda que a PSP foi a entidade mais solicitada para o efeito, seguindo-se a GNR.

### "Ainda se continua a chorar baixinho..."

**Uma mulher, residente numa freguesia do concelho de Mondim de Basto, traçou ao Nosso Jornal a angústia de uma vida de maus tratos e violência.**

"Tenho 40 anos e vivi com o medo em casa de meus pais, metade da minha vida. É quase sempre um medo silencioso, não se fala muito disso, chora-se baixinho e no dia seguinte sai-se para a rua como se nada tivesse acontecido.

Lembro-me de gritar e saltar os muros a pedir ajuda aos vizinhos que, sabendo do que se tratava, ficavam em silêncio e não abriam a porta. Lembro-me do meu pai nos fechar num quarto, a mim e à minha irmã, para poder bater à vontade. A minha cabeça rolou pelo passeio e paredes. Lembro-me de sermos ameaçadas com um revólver e as autoridades dizerem que nada podiam fazer. O que

ainda não passou mesmo, e duvido que alguma vez passe, são os barulhos e gritos que ficam na nossa cabeça.

Hoje tudo é diferente, ou deveria ser. Hoje, sabemos que devemos gritar alto e que há portas que se abrem quando pedimos socorro. Hoje, as autoridades e instituições já nos defendem. Mas, ainda hoje, há mulheres espancadas e mortas. Ainda há filhos, como um dia eu fui, que choram e têm medo de ir para casa no final da escola.

Apesar de tudo ainda se continua a chorar baixinho..."





## APAV celebra o Dia Europeu da Vítima de Crime

**A** APAV como organização nacional não governamental de apoio à vítima de crime celebrou no dia 22 de Fevereiro, o Dia Europeu da Vítima de Crime. Instituído pelo fórum europeu, este dia reúne serviços de apoio à vítima nacionais, de mais de 16 países europeus, o Victim Support EUROPE, para lembrar e assinalar os direitos de quem é vítima de crime.

Nesse dia Europeu da Vítima de Crime, as estatísticas da APAV mostram que, no primeiro semestre de 2008, registou-se um total de 4699 processos de apoio, um aumento de 8,5% face ao mesmo período do ano transacto, e que se traduz num total de 8695 crimes, sendo que 90% dos crimes de violência doméstica.

De salientar o facto de que, a maioria das vítimas portuguesas não apresentam queixa junto das autoridades e também não pedem indemnizações nos casos graves, pois os cidadãos têm falta de informação e de confiança na Justiça. "Não era um crime sério"; "a questão foi resolvida pelo próprio"; "não vale a pena"; "a polícia não iria fazer nada", são alguns dos argumentos que apresentam para não apresentar o caso à polícia.

Aproveitando a celebração do Dia Europeu da Vítima de Crime, é importante relembrar que, a nível dos direitos da vítima no processo penal, a mesma tem direito, ao respeito e reconhecimento em todas as fases do processo penal, a receber informações e esclarecimentos sobre o decurso do mesmo, a fornecer informações às autoridades responsáveis pela tomada de decisões relativamente ao infractor, ao acesso a aconselhamento jurídico independentemente da sua situação económica e à protecção, tanto da sua privacidade como da sua integridade física.

Também em relação aos direitos sociais das vítimas de crime é importante relembrar que as sociedades democráticas têm obrigação de atenuar os efeitos dos crimes, designadamente as consequências nocivas da vitimação em todos os aspectos da vida, apoiando as vítimas para que seja demonstrada compreensão pelos problemas que as afectem, tendo estas o direito de exigir a protecção da sua privacidade, segurança física e bem-estar psicológico.

### GABINETE DE APOIO À VÍTIMA DE ODIVELAS

Avenida Amália Rodrigues 10- A

Urbanização da Ribeirada

2675-623 Odivelas

Endereço electrónico:

HYPERLINK "mailto:apav.odivelas@apav.pt" \_apav.odivelas@apav.pt\_

Número único: 707 20 00 77



## APAV atendeu 647 idosos em 2008

Quase 650 idosos recorreram no ano passado à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), o que representa 8,2 por cento no total de 7.852 processos abertos pela organização.

No relatório estatístico de 2008, a APAV indica que, das vítimas com 65 anos ou mais, 525 eram mulheres e 120 homens.

Quanto aos autores de crimes com 65 anos ou mais, 48 eram mulheres e 300 eram homens.

Entre os 6.980 processos sobre violência doméstica, 8,1 por cento (568) respeitavam a pessoas mais velhas.

Os processos envolveram, em termos de vítimas, 474 mulheres e 93 homens. Quanto a autores de crimes, 40 eram do sexo feminino e 280 homens, com 65 ou mais anos.

Entre 2000 e 2007, as estatísticas mostraram um aumento de 126 por cento no número de pessoas idosas vítimas de crimes, passando-se de 290 para 656 atendimentos.

Neste período foram registados 7.059 crimes, dos quais 5.628 correspondentes a violência doméstica.

Nestes sete anos, a APAV recebeu 3.459 pessoas idosas vítimas de crime.

Entre 2006 e 2007 houve um aumento de 20,4 por cento, passando-se de 545 para 656 vítimas, enquanto a nível de crimes praticados houve uma subida de 15,6 por cento (1077 para 1245 crimes).

(In Agência Lusa, 16.02.2009)



Violência doméstica/Novo regime de protecção às vítimas

# APAV defende criação de uma verdadeira lei-quadro

SANDRA PACHECO TEJO  
sandra.tejo@publico.pt

Entre outras medidas o novo regime, prevê a detenção do agressor sem ser em flagrante delito e a utilização da pulseira electrónica para o afastar da vítima, isto se o indivíduo concordar, prerrogativa criticada por alguns técnicos. Os processos de violência doméstica passam a ter carácter de urgência e a apresentação do detido ao juiz pode ocorrer no prazo de 48 horas após o delito.

A proposta de lei de Prevenção de Violência Doméstica, Protecção e Assistência configura, pela primeira vez, o estatuto de vítima no âmbito do crime de violência doméstica, mas apenas a partir do momento em que o agressor é constituído arguido, facto criticado pelos responsáveis das instituições públicas e das ONG's. Mas, também, serão feitas modificações no sentido de tornar a lei mais abrangente, por exemplo, no que diz respeito aos casais homossexuais.

A APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) não está totalmente convencida das virtudes do novo regime jurídico proposto pelo Governo em relação à prevenção e protecção das vítimas de violência doméstica (Proposta de Lei n.º 665/2008) aprovada o mês passado pela Assembleia da República.

Na perspectiva da Associação, mais meritória seria a criação de uma verdadeira Lei-Quadro, "que consagrasse os princípios orientadores quanto ao fenómeno da violência doméstica, aqui sim verdadeiramente programática, enquadradora de toda a regulação relativa à protecção e assistência às suas vítimas, fariam, assim, para a legislação extravagante e avulsa as alterações mais prementes a efectuar de acordo com a Lei-Quadro, que também conformaria a interpretação e aplicação da legislação, codificada e avulsa."

A intenção de haver um estatuto de vítima de crime, a protecção no trabalho, no emprego e na habitação, a intenção de maior celeridade processual, a intenção de resolver o imbróglio criado pelo actual Código do Processo Penal no que diz respeito à detenção fora de flagrante delito e a utilização dos meios técnicos de controlo à distância são no entender da APAV "alguns dos pontos positivos deste novo regime."

No entanto, avança que a proposta de Lei n.º 665/2008 não traz grandes novidades, "imbuída das melhores intenções e espelhando a necessidade, cada vez mais premen-

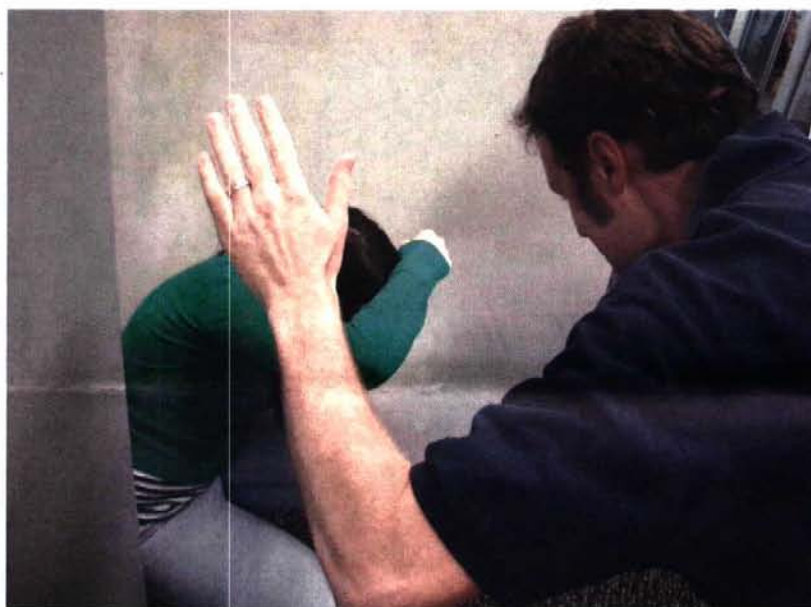
te, de empreender um combate sem tréguas ao flagelo que é a violência doméstica, que continua a grassar na nossa sociedade, enferma contudo, a nosso ver, de falhas estruturais e de insuficiências específicas que, se não corrigidas, poderão prejudicar a sua cabal implementação."

Adianta ainda que "existe a necessidade e urgência de uma política integrada de apoio à vítima e de estatuto que assegure os seus direitos, independentemente do crime de que foi vítima." Ou seja, "direitos como o direito à protecção, ao respeito, ao reconhecimento, à informação, à indemnização, ao acesso a cuidados de saúde, e outros devem ser assegurados pelo Estado como direitos universais a todos os cidadãos que sejam vítimas de crime, e não apenas a certas categorias de vítimas, como sejam as vítimas de violência doméstica. A todas as outras vítimas de todos os outros crimes não se asseguram os mesmos direitos."

De acordo com o comunicado do Conselho de Ministros de 15 de Janeiro último, com este novo regime pretende-se, por um lado, prevenir e reprimir o fenómeno da violência doméstica, e, por outro apoiar e promover a autonomia e condições de vida dignificantes às vítimas de violência doméstica.

Estabelece-se, pela primeira vez, a configuração do "estatuto de vítima" no âmbito da violência doméstica, que consagra um quadro normativo de direitos e deveres, não apenas no âmbito judicial, mas, também, fruto do reconhecimento da necessidade de uma resposta integrada, no contexto laboral, social e de acesso aos cuidados de saúde de forma adequada.

Prevê-se, ainda, à luz das mesmas finalidades de protecção da vítima, a protecção de recurso a meios técnicos de controlo à distância, com vista ao cumprimento das medidas judiciais aplicadas ao arguido ou ao condenado e acolhe-se, ainda, de forma inovatória, a possibilidade de protecção à vítima com recurso a meios técnicos de teleassistência.



Direitos Reservados

Estão consagradas várias respostas na vertente jurídico-penal, dirigidas à protecção integral da vítima, avultando a consagração da natureza urgente dos processos relativos à violência doméstica, bem como a apreciação do pedido de apoio judiciário, a criação de medidas urgentes de protecção, aplicáveis nas 48 horas subsequentes à denúncia do crime.

A par da natureza prioritária conferida à investigação relativa aos crimes de violência doméstica, criou-se um regime específico para a detenção fora de flagrante delito, opção que encontra arrimo inequívoco nas necessidades de protecção da vítima deste tipo de crime.

A apresentação do detido ao juiz passa a ocorrer em sequência da detenção por prazo não superior a 48 horas, isto quando a apresentação não possa ter imediatamente lugar por razões devidamente fundamentadas e desde que tal seja necessário de forma a evitar a continuação da actividade criminosa e se tal se provar imprescindível à protecção da vítima.

No que toca à prestação de cuidados de saúde, os mesmos serão assegurados pela prestação de assistência directa à vítima por parte de técnicos especializados, bem como através de gabinetes de atendimento e tratamento clínico com vista à prevenção do fenómeno da violência doméstica.

No campo institucional, as soluções consagradas assentam no pressuposto de que o fenómeno da violência doméstica postula a intervenção dos poderes públicos e da sociedade civil, reconfigurando-se, para tal, o que passa a designar-se como "rede nacional de apoio às vítimas de violência doméstica" que engloba as casas de abrigo, centros de atendimento e os centros de atendimento especializado, os núcleos de atendimento e os grupos de ajuda mútua, articulando-se com as estruturas constituídas de atendimento à vítima, existentes no âmbito dos órgãos de polícia criminal e envolvendo, dentro do possível, as autarquias locais, face aos méritos de eficiência que as estruturas de proximidade potenciam.

***"Existe a necessidade e urgência de uma política integrada de apoio à vítima e de estatuto que assegure os seus direitos, independentemente do crime de que foi vítima, nomeadamente no direito ao respeito, à protecção, à informação e à indemnização."***



# Vitimação masculina aumentou 15 por cento

A violência doméstica participada às forças de segurança aumentou 31,8 por cento em 2008 e quase metade das ocorrências são reincidentes e presenciadas por menores. Um relatório da Direcção-Geral de Administração Interna indica que a GNR e a PSP receberam um total de 23.462 queixas, mais 31,8 por cento que em 2007, quando foram denunciadas 17.794. **Curioso também é perceber que a vitimação masculina existe e registou um aumento exponencial em 2008.**

**E**ste tipo de crime é maioritariamente exercida sobre mulheres casadas, com uma idade média de 39 anos e quase três quartos das vítimas não dependem economicamente do cônjuge. No entanto, a vitimação masculina aumentou em 2008, 15 por cento.

De acordo com o relatório, divulgado pela Direcção-Geral de Administração Interna, a PSP recebeu mais denúncias, 14.948, do que a GNR, 8.604.

A Direcção-Geral de Administração Interna ressalva que "o aumento significativo do número de ocorrências participadas às polícias poderá estar relacionado com as alterações legislativas ocorridas em 2007 e que vieram consagrar no Código Penal o crime de violência doméstica como crime autónomo".

O relatório salienta, também, que quase metade (47 por cento) dos casos reportados às forças de segurança foram de reincidências e actos presenciados por menores (46 por cento).

Geralmente, os maus-tratos têm como consequências para a vítima ferimentos ligeiros (60,9 por cento). No entanto, em 1,3 por cento dos casos resultaram em ferimentos mais graves, tendo sido registada a morte de nove vítimas.

O documento mostra também que geralmente as vítimas não são internadas, nem têm baixa médica, e em cerca de 28 por cento dos casos as forças de segurança entraram no domicílio.

O relatório da Direcção-Geral de Administração Interna refere que, maioritariamente, os autores da violência são do sexo masculino, casados, têm em média 40 anos, não dependem economicamente da vítima, 16,6 por cento utilizaram ou possuíam arma, além de quase metade (47,6 por cento) consumir habi-

tualmente álcool e 12 por cento estupefacientes.

Os dados indicam, igualmente, que Agosto foi o mês de maior incidência das ocorrências de violência doméstica e Janeiro o menor.

De acordo com a análise, mais de metade das ocorrências passaram-se à noite ou de madrugada, sobretudo no fim-de-semana, sendo o domingo o dia mais crítico. Mais de três quartos dos casos que motivaram a actuação das polícias deveram-se a um pedido da vítima.

O relatório revela ainda que a maioria das vítimas de violência doméstica queixou-se às forças de segurança ao domingo e à segunda-feira, principalmente à noite e à tarde.

Mais de 90 por cento das queixas foram oriundas do Continente, sobretudo das comarcas de Sintra, Porto e São João da Madeira. Cerca de cinco por cento foram nos Açores e quatro por cento na Madeira.

## Nos Açores

A taxa de incidência das participações de violência doméstica na Região Autónoma dos Açores é de 4,1% (por mil habitantes).

De entre as queixas apresentadas nos Açores, as que se referem às zonas de Ponta Delgada (43,9%) e da Ribeira Grande (25,5%) são as que predominam, sendo que estes dados referem-se às frequências relativas e não à taxa de incidência. A grande maioria dos denunciados é do sexo feminino (85,4%).

Em termos do estado civil dos denunciados, 57,7% são casados/as ou vivem em união de facto, 24,4% são solteiros, 14,1% são divorciados/as ou encontram-se separados/judicialmente e 13,9% são viúvos/as.

Relativamente à idade, mais de metade encontra-se no grupo etário dos 25 a 45 anos (53,6%), 16,3% possui entre os 45 e 55 anos, 15,7% tem menos de 25 anos e 14,4% possui mais de 55 anos. A idade média do/a denunciante é de 39 anos.

Quase três quartos das últimas não dependem economicamente do/a denunciado/a (74,1%).

Em termos da relação vítima/denunciado/a, 69% das vítimas mantinha na ocasião da participação da ocorrência uma relação conjugal com o/a denunciado/a, para cerca de 16% a conjugalidade existia anteriormente, 6,5% das vítimas eram ascendentes do/a denunciado/a, 6,4% eram descendentes, para 0,3% existia ou existira uma relação de namoro e para outros 2% existia outro tipo de relação. As relações conjugais presentes ou passadas representam cerca de 85% dos casos.

Numa grande proporção dos casos, 46,3%, as ocorrências foram presenciadas por menores (até 18 anos).

Em termos gerais, as ocorrências tiveram como consequências para a vítima ferimentos ligeiros (60,9%) ou ausência de lesões (37,8%). Existiram 1,3% de situações cuja consequência foram ferimentos mais graves e 0,1% teve como consequência a morte da vítima (que corresponde a 9 casos).

## Respostas frágeis

De uma maneira geral as propostas agora apresentadas para fazerem parte de uma possível lei ao nível da prevenção da violência doméstica e à protecção e assistência das suas vítimas contemplam aquelas que têm sido as reclamações das associações, instituições e demais técnicos que diariamente intervêm no terreno e que conhecem as debilidades do sistema ao nível da violência doméstica.

Quem tem lidado com o fenómeno sabe como existem inúmeras fragilidades nas respostas institucionais às vítimas de violência, que após terem sido vítimas e decidido pedir ajuda acabam inevitavelmente como vítimas de um sistema que muitas vezes expõe e desprotege mais do que ampara.

De forma ampla concordo com as medidas, mas não posso deixar de alertar que a serem aprovadas as propostas tal como foram apresentadas vão exigir uma mais rigorosa formação dos técnicos para que inocentes, fruto de manipulações perversas do sistema, não sejam vítimas de excesso de zelo.

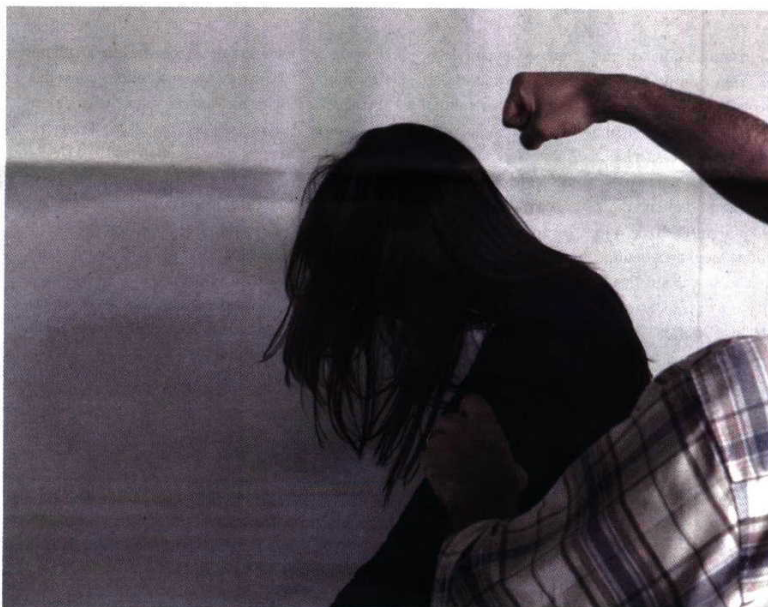
Tive conhecimento de um caso em que um indivíduo por ter ido ver um jogo de futebol para o café, contra a vontade da mulher, ao chegar a casa, tinha parte do recheio da habitação destruído e a mulher, irada, aguardava-o para se atirar a ele. O indivíduo, num quadro de perfeita legítima defesa, reagiu tendo a mulher chamado a polícia que efectuou a detenção do indivíduo considerando que se estava perante uma reputação de flagrante delito.

Com uma noite dormida no calabouço policial, o suposto agressor após um longo inquérito acabou absolvido em tribunal. A auto-intitulada vítima não satisfeita resolveu apresentar uma queixa contra o marido acusando-o de abuso sexual do filho de cinco anos de idade.

Interrogado pela Polícia Judiciária, acabou por ir conjuntamente com o filho e a mulher para o Instituto de Medicina Legal de Coimbra onde foi apurado que o indivíduo não possuía qualquer propensão para actos sexuais com crianças. A criança não apresentava qualquer indicio de ter sido molestada sexualmente e em relação à mulher também sujeita a uma avaliação psicológica apurou-se que era uma mentirosa compulsiva.

Não há leis perfeitas. Uma protecção excessivamente rápida da vítima tem virtudes, mas pode potenciar conclusões precipitadas e desequilíbrios. Por isso é que os técnicos que lidam com os sinais da violência num novo quadro jurídico terão que ter muito mais formação e ser muito mais perspicazes para se evitar efeitos perversos!

Alberto Peixoto  
Sociólogo



João António Rodrigues





Comissão funciona no mesmo espaço que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Cooperativa Nacional de Apoio a Deficientes. Logo à entrada existe uma sala de espera exigua para todas as entidades

CHAMADA DE ATENÇÃO PARA O CASO FOI FEITA EM JUNHO DE 2008

## Comissão de Protecção de Crianças e Jovens à espera de solução

**Após uma reunião com a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Odivelas os vereadores da CDU Ilídio Ferreira e Maria da Luz Nogueira alertam mais uma vez para a necessidade de reforçar o apoio administrativo e dotar a instituição de uma nova sede.**

LINA MANSO  
lmanso.tribuna@gmail.com  
Foto Lina Manso

De acordo com Ilídio Ferreira e Maria da Luz Nogueira, vereadores da CDU, mais de 700 processos entraram em 2008 na Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Odivelas (CPCJO). Um aumento significativo desde 2002, quando eram mais de 100. Reforçam que cada técnico da comissão restrita acompanha 66 casos. Face aos números e à delicadeza do trabalho desenvolvido, alertam para a necessidade de reforçar o apoio administrativo, encontrar instalações mais dignas, e dotar aquele serviço de um transporte que não tenha de ser requerido com dias de antecedência.

As reivindicações dos edis foram avançadas à comunicação social depois de um encontro com a CPCJO em meados de Fevereiro. Segundo Maria da Luz Nogueira as carên-

cias apontadas já foram levadas à reunião pública em Junho passado e desde então "o que é grave mantém-se". Ilídio Ferreira acrescenta que também a Comissão Nacional, o Ministério Público e a Segurança Social foram inteirados da situação há cerca de ano e nada se fez.

### Apenas um técnico permanente

Relativamente à câmara "que deve garantir o funcionamento da instituição ao nível da logística e do apoio administrativo", a vereadora afirma nomeadamente que disponibiliza apenas um técnico em permanência, enquanto os restantes se distribuem por vários serviços da autarquia.

Adianta que perante a sensibilidade de processos "que abrangem situações relacionadas com violência doméstica e menores em risco também o espaço onde funciona a CPCJO devia ser mais digno" (actu-

almente as instalações, incluindo a sala de espera, são partilhadas com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Cooperativa Nacional de Apoio a Deficientes). Maria da Luz Nogueira diz que "em contrapartida a câmara arrendou um edifício na mesma rua, há pouco tempo, por um valor elevado". Ao que acresce o facto de a presidente Susana Amador ter avançado, há alguns anos, que se procuraria uma nova sede.

Quanto ao transporte, Ilídio Ferreira diz que seria fundamental "ter uma viatura no município sempre de reserva para uma emergência", à semelhança do que acontece nos bombeiros.

"Não queremos situações dramáticas para depois as apontar. Estamos já a alertar para as insuficiências", diz Maria da Luz Nogueira, frisando que já foi pedido o relatório da comissão referente a 2008. Após a sua análise serão tomadas novas medidas.

01-03-2009

Tiragem: 30000

País: Portugal

Period.: Mensal

Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 14

Cores: Cor

Área: 4,29 x 17,53 cm<sup>2</sup>

Corte: 1 de 1



**ISCPSI-APAV**

## **Corrida Solidária**

Ajudar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é o principal objectivo da VI Corrida ISCPSI-APAV, que se realiza no dia 29 deste mês pelas ruas das freguesias de Alcântara, Santos-o-Velho e Santa Maria de Belém, em Lisboa. A iniciativa, que engloba uma prova de cariz competitivo e uma "Marcha da Família", arranca às 10h30 e está limitada a 1700 inscrições. A acção faz parte do Projecto Solidário, desenvolvido pelos cadetes-alunos do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI), que realizam esta corrida para fomentar actividades de apoio a causas sociais. É por isso, que no final, todas as receitas (valor da inscrição incluído) serão entregues à APAV.

Inscrições: 213 613 900.

**[www.esp.pt](http://www.esp.pt)**






SOCIEDADE  
» VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



# Outra face do mal

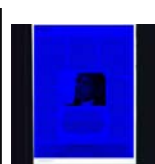


Um drama incidente no género feminino mas que não escolhe idade nem classes sociais, que se alimenta do silêncio e do medo, e que em pleno século XXI é realidade atroz. As mulheres continuam a ser espancadas, violentadas, expulsas de suas casas, refugiadas no seu próprio país, sujeitas a ameaças e a perseguições, acabando, não raras vezes, mortas. Só no ano passado, em Portugal, morreram mais de 40 mulheres, vítimas de violência doméstica

POR LUÍS ANTÓNIO PATRAQUIM

“**E**stava a tomar banho quando ele começou aos pontapés à porta a gritar para eu sair. O meu filho tentou acalmá-lo e nesse instante tocou o telefone no quarto. Eu saí da casa-de-banho, enrolada numa toalha e falei com o meu irmão. Ao notar que estava assustada, perguntou-me o que se passava. Desesperada, disse-lhe que era ameaçada de morte há quase 20 anos. Foi nessa altura que o meu marido entrou disparado no quarto com um cutelo do talho na mão e disse aos gritos: 'pois é agora que eu te vou matar' e »





## SOCIEDADE

### » VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

» desferiu-me um golpe na cabeça” – conta Marisa Nunes, 58 anos, vítima de violência doméstica desde os 18.

Os casos de mulheres vítimas de violência doméstica multiplicam-se. Apesar dos esforços na defesa dos Direitos da Mulher por parte das organizações não governamentais (ONG), como a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), permanece o sentimento generalizado de impunidade do agressor. Em 2008, a APAV registou cerca de 18 mil crimes deste género contra mulheres. A urgência de uma profunda mudança nas mentalidades já chegou ao Parlamento, através de uma proposta legislativa que pretende alargar o “estatuto de vítima de violência doméstica”. Medidas que pecam pela lentidão do sistema judicial que, segundo as mulheres ouvidas pela Plenitude, “protege o agressor”.

O relato de Marisa prossegue: “A minha sorte foi a toalha que tinha enrolada à cabeça e os ganchos a prender o cabelo, senão tinha morrido ali. O meu irmão ouviu os gritos pelo telefone e chamou a polícia. O meu filho meteu-se no meio na tentativa de travar a agressão – e eu, estendida no chão, com o sangue a escorrer pela cabeça abaixo, vi a morte à minha frente”.

Foi preciso acontecer esta tragédia – que em Maio do ano passado quase roubava a vida a esta mulher – para que o agora seu ex-marido fosse detido e condenado a cumprir cinco anos de prisão. Há 40 anos cozinheira de profissão, Marisa tem um passado marcado de dor, sofrimento e violência. Casada três vezes, nunca teve

sorte com os maridos. Todos lhe batiam, continuamente. Isolavam-na, ameaçavam-na de morte e privavam-na de tudo menos do trabalho e dos maus tratos. Nunca fez outro trajecto senão o de casa para o trabalho e o do trabalho para casa. Pensou várias vezes no suicídio, mas o amor pelos dois filhos deu-lhe coragem para continuar – e apesar do medo que ainda sente, apela a todas as mulheres que sofrem na pele os maus tratos dos maridos, que os denunciem e que não tenham medo, pois “é com o nosso medo que eles contam”, diz.

Daniel Cotrim, psicólogo da APAV, recorda: “Antes dos anos 80 não se falava de

violência doméstica. Não era uma questão ‘importante’ e era encarada de forma normal”. E o psicólogo continua: “Até porque, do ponto de vista cultural, para ela serviu sempre de desculpa o facto de sermos um país latino e machista. Hoje, a resposta da Justiça é lenta e penaliza seriamente a mulher. As medidas de coacção deveriam ser rápidas mas não o são. Por exemplo, a não aproximação do agressor à vítima num espaço de 100 metros leva entre seis a sete meses até ser aplicada e, na maioria dos casos, não é cumprida. Se analisarmos os casos das mulheres que foram mortas devido a violência doméstica, muitas delas tinham processos

a decorrer no sentido da aplicação de medidas de coacção face ao agressor”.

### Afinal não havia outro

Isabel Pires, 53 anos, é professora há 32 anos e dirigente sindical da FENPROF. Saiu de casa há quatro anos, mas as mãos ainda lhe tremem ao recordar os longos 11 anos em que esteve submetida aos maus-tratos do marido. “Tudo começou com amor. Depois veio o casamento, mas, como se diz: o casamento é uma lotaria. Passado pouco tempo e após o nascimento do nosso filho, principiaram as agressões físicas e rapidamente comecei a sentir-me dentro de uma prisão. Tinha medo de tudo. Sentia-me isolada e cercada. O meu filho era bebé – e ao olhar para ele pensava que ia resolver a situação. Aguardava por um dia que nunca vinha, pois nesta situação nunca há um dia apropriado para sair de casa. Nunca há condições. Estamos sempre naquela prisão e o carrasco está sempre à porta. O meu marido, para



“Eu tinha medo de tudo. Sentia-me isolada e cercada. Aguardava por um dia que nunca vinha, fechada naquela prisão e o carrasco sempre à porta. O meu marido, para além de não trabalhar, estava constantemente a ameaçar-me com frases do género: ‘o melhor que te pode acontecer é ires parar ao cemitério’”

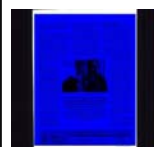
Isabel Pires

### Consequências psicossomáticas e sociais

Fracturas, hematomas, perda de energia, dores musculares, dores de cabeça e/ou enxaquecas, distúrbios menstruais, digestivos, arrepios, afrontamentos, tensão arterial alta, angústia, excessiva tristeza, amargura, desconfiança, diminuição da auto-estima.

A vitimação obriga a profundas alterações estruturais na vida quotidiana (mudança de casa, de emprego, de hábitos individuais, sociais). No abalo geral ou parcial do projecto de vida, o cruzamento de pesares implica: sentimento de solidão; tensões familiares e conjugais; medo de estar sozinha; insegurança.





além de não trabalhar, estava constantemente a ameaçar-me com frases do género: 'o melhor que te pode acontecer é ir para o cemitério'."

Depois de anos e anos de maus-tratos continuados, Isabel ganhou coragem. Em 2005 fez queixa à polícia. Com um sorriso esboçado na amargura, a educadora de infância recorda o episódio: "Ao fazer a queixa de agressão, o agente que estava de serviço perguntou-me se havia *outro*, ao que eu respondi: 'por acaso não, mas se houvesse, merecia ser espancada por causa disso?!'" Isabel recorda a cena para demonstrar "estas lógicas tão ilógicas que só podem sair da cegueira cultural de um machismo enraizado no mais profundo do inconsciente do legislador".

Passados vários meses, a queixa resultou em processo judicial. No decorrer, estava também em andamento, no tribunal de Cascais, o processo de regulamentação do poder paternal. Neste, Isabel era acusada de ser alcoólica e promíscua: "Constava no processo que quando bebia, atirava-me contra as paredes, razão de ser das nódoas negras. Tinha amantes e fazia sexo ao vivo para o meu filho ver..." Indignada, ela recorda igualmente um dos argumentos que foi alegado em tribunal. "O facto de eu ser licenciada e ganhar o suficiente para ser independente levou à pergunta do juiz: 'Por que é que não saiu de casa?' - nestes casos, nem os juízes, nem os delegados do Ministério Público, nem os próprios advogados estão preparados para isto. O delegado do Ministério Público disse, nas alegações

finais: 'Uma mulher que tem a coragem de se queixar é porque não é agredida'."

Depois de cerca de quatro anos a tentar provar que era agredida, física e mentalmente, pelo marido, o melhor que Isabel conseguiu foi uma multa por ter sido provado que ele lhe tinha dado uma "chapada" na cara, no dia 7 de Junho de 2005, ficando ilibado da queixa de violência continuada. "As vítimas são várias vezes vítimas. O que mais me revolta é que quando conseguem libertar-se do agressor, o sistema judicial que as deveria proteger, ainda as agride mais profundamente, além de lhes debelar todas as expectativas" - desabafa Isabel Pires.



**"O meu marido entrou disparado no quarto com um cutelo do talho na mão e disse aos gritos: 'pois é agora que eu te vou matar' e desferiu-me um golpe na cabeça.**

O meu filho meteu-se no meio na tentativa de travar a agressão - e eu, estendida no chão, com o sangue a escorrer pela cabeça abaixo, vi a morte à minha frente"

Marisa Nunes

## Mudam-se os tempos mas as mentalidades nem por isso

Apesar de constatar que o tema faz actualmente parte da agenda política, Elisabete Brasil, presidente da UMAR, afirma que "as alterações operadas, para além de morosas e dispersas, não se têm traduzido numa alteração substancial e prática na vida da maioria das mulheres vítimas de violência". E explica: "Hoje, como há 10 anos, as mulheres continuam a ser espancadas, violentadas, expulsas de suas casas, refugiadas e asiladas no seu próprio país acompanhadas pelos seus filhos e filhas, e sujeitas a ameaças e perseguições mesmo após a sua saída de

casa, acabando, não raras vezes, por serem mortas. Hoje, como há 10 anos, os agressores permanecem em casa, sem que o sistema lhes tenha imposto medidas repressivas e outras, capazes de funcionarem como prevenção e reparação. Hoje, como há 10 anos, os autores deste crime aguardam tranquilamente na casa de morada de família o desfecho de um processo crime, um julgamento que, caso ocorra, terá como sentença uma pena de prisão suspensa na sua execução, continuando as suas vidas sem alteração significativa. Hoje, como no passado, as mulheres sentem e vivem as consequências da violência que contra elas foi praticada: consequências físicas, psicológicas, económicas, sociais e laborais que as afectam, afectando igualmente os seus filhos e filhas, também eles vítimas de violência, directa e indirectamente".

Vitória Semedo (nome fictício), 38 anos, foi vítima durante 15 anos. Está separada há quatro anos e o processo de divórcio arrasta-se no tribunal. Com »

### Números de uma tragédia crescente

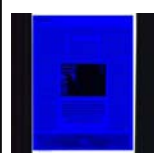
|               |                          |
|---------------|--------------------------|
| Vítima-tipo   | Mulher                   |
| Nacionalidade | Portuguesa               |
| Idade         | Entre os 26 e os 45 anos |
| Estado civil  | Casada                   |
| Filhos        | Tem                      |
| Residência    | Centros urbanos          |
| Rendimentos   | Vive do próprio trabalho |

| 2008   |
|--|
| 18 669 crimes<br>(mais 2 298 vítimas do que em 2007) |

| Violência Doméstica |
|---------------------|
| 90%<br>dos casos    |

| Mulheres                                |
|---|
| 87% dos casos<br>(mais 32 assassinadas) |





## SOCIEDADE

### »VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

»uma filha de 16 anos, vive com o medo de se cruzar na rua com o ex-marido. Pensa frequentemente em sair de Portugal, mas o apego à família fala mais alto e não sente o direito de privar a filha dos seus amigos. Recorda, com grande mágoa, a sua história e diz que a palavra *confiança* não existe para si. “Quando me casei já estava grávida, não havia dinheiro e associei as agressões a esses factores, mas a violência foi crescendo com o tempo. Ele começou a beber, a tomar esteróides e a frequentar bares de alterne. Não trabalhava e chegava a casa às sete da manhã. Começava aos gritos a perguntar-me porque estava a pé e logo a seguir dava-me uma ‘carga de pancada’. Eu levantava-me muito cedo para ir trabalhar num restaurante para poder sustentar a minha filha. Vivia constantemente com medo, aterrorizada.”

Anos depois, e para proteger a filha, Vitória fugiu de casa e viveu escondida durante quatro meses. “Sentia muitas vezes o carro a rondar a casa. Passado esse tempo decidi que não tinha de viver daquela forma. Fui à procura de emprego e consegui ficar a tomar conta de uma quinta. Uma noite bateram à porta, mas como estava muito escuro não me apercebi que era ele. Levei uma tarefa de todo o tamanho e ele amolgou o *capot* de um carro com a cabeça da nossa filha, que tinha na altura 12 anos. Por este acto, foi condenado a cinco anos de prisão, mas por ‘falta de provas’ foi-lhe aplicada uma pena suspensa de um ano e oito meses e uma multa de dois mil euros por danos morais e físicos à filha, que nunca chegou a pagar.”

Vitória, alegando não ter encontrado nenhum apoio da Justiça portuguesa, afirma re-voltada: “Vivemos numa sociedade completamente machista, que protege o agressor”.

### “Basta!”

“Hoje a violência é muito mais grave e perigosa para a vida da mulher e para os seus filhos. O tempo do soco e pontapé já passou. Actualmente, as mulheres são ameaçadas com armas de fogo. Este facto transporta a questão da violência doméstica para outros quadrantes da sociedade, nomeadamente a licença de porte de arma, que na maioria dos casos é ilegal. A forma de inverter este

processo de crescimento da violência doméstica passa pela prevenção. A APAV tem acções de sensibilização nas escolas, com o objectivo de mostrar que a violência existe e que é preciso falar dela. Há muitos jovens que têm discursos retrógrados em relação à igualdade entre homens e mulheres. Posso garantir que se juntar 10 rapazes, três ou quatro já deram uma bofetada a uma rapariga, um ou dois já forçaram a rapariga a ter relações sexuais e sete ou oito, mais do que uma vez já lhe chamaram ‘estúpida, gorda’ ou ‘não prestas para nada’ – refere o psicólogo Daniel Cotrim.

Na mesma altura em que o Parlamento discutia vários Projectos-lei e uma proposta do Governo para fixar o regime jurídico na prevenção da violência doméstica e na assistência das vítimas, Elisabete Brasil deixa um apelo: “A quem vivencia uma situação de violência, é importante dizer BASTA!, pois nada justifica um acto violento – quem ama não maltrata. Recomeçar, para além de legítimo, é possível. Na comunidade existem ONG e recursos preparados para o apoio. A quem agride, deve dizer que posse e pertença não podem fazer parte do vocabulário numa relação de intimidade, que violência é crime e que para cada problema existe sempre uma solução. A todos nós cumpre seguir em frente e alterar o status quo”. A presidente da UMAR deixa transparecer a responsabilidade de todos nós: “A construção da igualdade, da vivência plena de direitos e deveres faz-se com a nossa participação e acção diária e que nesta área deve ser: dizer não à violência”. ■



“Uma noite bateram à porta, mas como estava muito escuro não me apercebi que era ele. Levei uma tarefa de todo o tamanho e ele amolgou o *capot* de um carro com a cabeça da nossa filha, que tinha 12 anos. Por este acto foi condenado a cinco anos de prisão, mas por ‘falta de provas’ foi-lhe aplicada uma pena suspensa”

Anónima

### Contactos para apoio à vítima:

União de Mulheres Alternativa e Resposta 218 867 096  
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima 707 200 077  
Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género 217 983 000  
Serviço de Informação a Vítimas de Violência Doméstica 800 202 148

213 861 664 Amnistia Internacional em Portugal  
213 802 160 Associação de Mulheres Contra a Violência  
213 546 831 Plataforma Portuguesa para os Direitos da Mulher  
213 121 304 Estrutura de Missão Contra a Violência Doméstica

Linha SOS Mulher: 808 200 175 • Atendimento Permanente: 218 368 008



## Entrevista a Nuno Catarino

Escrito por Orlando Azevedo  
Domingo, 01 Março 2009 15:00



Entrevista a Nuno Catarino, assessor do secretariado executivo e para o marketing & comunicação da APAV.

### "Aproximar a comunidade da APAV"

Este é o lema da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima para o recém-criado Espaço APAV & Cultura. Quando entramos no número 135-A da Rua José Estêvão, não imaginamos à partida que ali se realizam concertos. Manifestações artísticas intimistas, onde o Jazz marca a sua presença, e que servem para fazer entrar pela porta, pessoas que de outra forma não o fariam.

O objectivo é convidar a população a entrar nas instalações situadas no Jardim Constantino em Lisboa, para assistir a um concerto ao mesmo tempo que tomam contacto com aquela que é uma das associações mais dinâmicas no apoio à vítima.

Distinguida em 2002 pela Assembleia da República com o prémio Direitos Humanos, a APAV recebeu o Factor Lisboa numa entrevista a Nuno Catarino, Assessor do Secretariado Executivo e para o Marketing & Comunicação.

Descubra este novo espaço onde a cultura aproxima as pessoas.



foto: Vera Marmelo



foto: Nuno Martins

### Como é que surgiu a ideia de criar um espaço dedicado à cultura na APAV ?

Esta é uma ideia que já vem de longe e surgiu com a finalidade de aproximar a APAV da comunidade.

A partir da altura em que viemos para as novas instalações, o que aconteceu em 2007, começámos a remodelar o espaço.

Surgiu então a oportunidade de termos no espaço que é sala de formação e que tem também funções de centro de documentação, de fazer aí um espaço dedicado à cultura.

Sobre a programação, começámos agora a trabalhar nela e esperamos desenvolvê-la de uma forma consistente.

### Qual o perfil dos artistas que actuam no Espaço APAV & Cultura ?

Nós tentamos fazer deste, um espaço aberto a várias estéticas e a várias formas de cultura. Até agora têm sido principalmente músicos, mas estamos também a trabalhar para ir para além disso. Estamos a pensar em tertúlias literárias e na projecção de alguns documentários, para diversificar a programação. Esse é um dos objectivos neste momento. Nesta altura, a programação começa já a ficar mais sedimentada, na sequência da série de concertos já realizados. Começamos a chamar outras pessoas e a alargar outras áreas de intervenção.



### **Como é que se processa esta escolha dos artistas que actuam no Espaço APAV & Cultura ?**

Nós até agora temos tido uma função mais pro-activa. Mas a partir do momento em que o espaço começou a ganhar mais alguma visibilidade, também já começaram a aparecer artistas que nos contactaram para se oferecerem para actuar aqui.

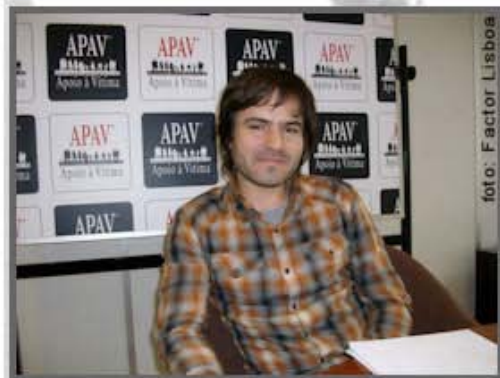
Temos seguido uma estratégia. É uma limitação mas que nós transformámos numa estratégia. Não vamos chamar nomes muito consagrados. Seria difícil chegar até eles. Mas chamamos artistas que estão neste momento a aparecer. São artistas que não sendo muito conhecidos mas que julgamos ter algum potencial. Ao seguirmos essa estratégia, estamos a tentar fazer uma programação que não sendo muito popular, digamos, aproxime os artistas de valor a um maior público.



### **Na programação do Espaço APAV & Cultura, existe uma predominância de músicos Jazz. Que receptividade tem tido a programação deste espaço junto da população ?**

O Jazz não será à partida uma música fácil para muita gente. Mas muitas das pessoas que vêm aqui, por vezes não conhecem os músicos, não sabem quem eles são, mas no final ficam muito agradadas com os espectáculos e bastante surpreendidas.

Julgo que este espaço também sido um espaço de descoberta. Apesar de termos apostado em áreas que não propriamente acessíveis, muitas vezes as pessoas acabam por ficar satisfeitas e surpreendidas com as propostas que são apresentadas.



### **A música tem marcado uma presença forte no Espaço APAV & Cultura. No entanto se surgirem propostas noutras áreas artísticas, como o teatro ou audiovisuais ou artes plásticas, poderão também fazer parte da programação deste espaço?**

Há claramente essa abertura. A única limitação tem a ver com a dimensão das propostas. Este é um espaço relativamente pequeno, tem capacidade para cerca de 30 ou 40 pessoas e por isso não podemos pensar em fazer produções a um nível muito grande.

Mas dentro das capacidades do espaço e das condições que temos estamos abertos a qualquer tipo de proposta artística.

### **Já sentiram que o espaço era de facto limitado?**

No último evento que realizamos, surpreendentemente, apesar dos músicos não serem propriamente conhecidos ( Kilof Trio, no dia 29 de Janeiro 2009 ), um trio de Jazz, apareceu imensa gente. Não estávamos à espera que aparecessem tantas pessoas. Ficou muita gente em pé, não houve lugar para toda a gente.

Por um lado é fantástico, desde que as pessoas venham até nós. Mas por outro lado, ficámos a questionarmo-nos se realmente não precisamos de um espaço um pouco maior.

### **Na óptica de aproximação à comunidade, esta programação atrai pessoas que provavelmente não entrariam de outra forma no espaço físico da APAV ?**

Eu julgo que sim. Esse é o objectivo primeiro desta iniciativa. Queremos trazer as pessoas à APAV, para que fiquem a conhecer a instituição.

Muitas pessoas que já aqui vieram, até através dos próprios músicos e do contacto que tenho tido com eles, muitos nem conheciam bem a missão da APAV. Mas aceitaram colaborar e ficaram a conhecer melhor a APAV. Este é um exemplo de como se pode ficar mais por dentro daquilo que nós fazemos. Um dos resultados desta aproximação, é que eventualmente, caso conheçam ou surja ao longo da vida algum problema, sabem que existe esta associação e podem divulgá-la pelas pessoas que conhecem. Existe esse funcionamento em rede, essa distribuição da informação que julgo ser uma das vertentes destas iniciativas.



## TORRES NOVAS

**Guerra à violência doméstica**

A Assembleia Municipal de Torres Novas aprovou uma recomendação à Câmara Municipal para que esta use todos os meios ao seu alcance para dar visibilidade pública ao crime da violência doméstica, promovendo campanhas públicas e divulgando as instituições de apoio às vítimas. A recomendação, apresentada pelo Bloco de Esquerda, refere que, "apesar dos esforços significativos dos últimos anos,



o combate à violência doméstica ainda está longe de produzir os efeitos desejados", pelo que apela à prevenção, educação em casa e na escola, denúncia das situações, agravamento das penalizações para quem a pratica e à visibilidade pública.



243 visitas

0 comentário(s)

Enviar a um amigo

Imprimir notícia

## Dia Internacional da Mulher no Parque Atlântico

Regional | 2009-03-04 15:26

O Parque Atlântico comemora o Dia Internacional da Mulher em parceria com a Clínica Persona e com a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

No sábado, dia 7 de Março, entre as 14h00 e as 18h00, as mulheres que visitarem o Centro vão poder realizar medições da sua massa corporal bem como ajudar a preencher uma Roda dos Alimentos com Rosas. O objectivo desta iniciativa é assinalar simbolicamente o Dia Internacional da Mulher.

Esta Roda dos Alimentos está dividida em sete parcelas que representam dois tratamentos de corpo, dois tratamentos de rosto, uma limpeza de pele e duas hidratações. Quando todas estas parcelas estiverem preenchidas, a APAV vai escolher sete mulheres que fazem parte dos seus processos para beneficiarem destes serviços.

No local vai estar um espaço de apoio às medições de massa corporal composto por duas cadeiras, uma mesa e uma balança, um cavalete que suportará a Roda dos Alimentos e um cartaz com referência ao Dia Internacional da Mulher.

De acordo com a nota enviada à imprensa, João Pedro Leon Mota, Director do Parque Atlântico considera que "esta iniciativa tem como objectivo mostrar às nossas visitantes que não nos esquecemos dos dias especiais e que, para além de encontrarem no Parque Atlântico a mais variada oferta comercial a nível local, encontram também iniciativas feitas em exclusivo para elas".

Ana Carvalho Melo



# Número de homens a denunciar maus tratos aumentou

Em 2008, aumentou o número de homens a recorrer à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), para denúncia de casos de maus tratos físicos e psicológicos

LUÍSA COUTO  
lcouto@acorianoriental.pt

Ainda que na Região continuem a ser as mulheres a esmagadora maioria das vítimas de violência que procura apoio junto da APAV, começa também agora a ganhar relevo a percentagem de homens que assume a mesma atitude.

É que, segundo a instituição, no último ano aumentou consideravelmente o número de homens que solicitaram apoio, confessando-se vítimas de violência, quer física, quer psicológica. São, na sua maioria, jovens e com formação.

"A primeira atitude destas vítimas que procuraram o nosso gabinete está relacionada com o medo de não serem credíveis.

Receiam que a denúncia não fosse credível, porque em regra, são eles (sexo masculino) que são tidos como os agressores", sustenta a gestora do Gabinete de Apoio à Vítima, Sílvia Branco, em declarações à Rádio Açores/TSF.

"Os maus tratos físicos são muitas vezes visíveis, por isso, o receio deles é chegar a uma instituição ou até mesmo às autoridades judiciais e ao denunciar o crime não terem as tais 'provas físicas' que, segundo eles, ajudam no decorrer de um processo criminal", esclarece.

A esse propósito, a especialista salienta a necessidade de se desmistificar que só as mulheres podem buscar apoio junto da APAV.

"Eles têm todos os direitos que as mulheres têm nas respostas a disponibilizar pela associação. São sensibilizados para a apresentação da queixa, têm também



APAV está a preparar novas acções de prevenção

DIREITOS RESERVADOS

## ESTATÍSTICAS DA APAV EM 2008

### Esmagadora maioria das vítimas são mulheres

Nos Açores, no ano passado, foram 177 as vítimas de violência, com Ponta Delgada a liderar o ranking dos concelhos das ilhas com mais casos. Em Ponta Delgada contabilizaram-se 114 casos, seguindo-se outros dois concelhos da ilha de São Miguel: a Ribeira Grande com 27 casos e 10 casos na Lagoa. De um modo geral, a esmagadora maioria das vítimas é do sexo feminino, casada e com idade compreendida entre os 26 e os 45 anos. Quanto à profissão, revela a APAV que as vítimas mais

regulares são estudantes, desempregadas(os), domésticas(os) e reformadas(as). No que respeita ao autor do crime, a APAV indica que são na maioria homens entre os 26 e os 45 anos. Em regra, o autor do crime é casado com a vítima ou mantém uma relação de parentalidade com a mesma. Os crimes acontecem, na sua maioria, na residência comum ou na residência da vítima. As queixas mais recorrentes prendem-se com violência doméstica de forma continuada. JLLC



Jovens queixam-se mais. Violência psicológica domina sobre a física

apoio ao nível psicológico. Isto porque, em alguns casos, no âmbito de um processo crime, a vítima apresenta um grande receio de enfrentar a agressora, tendo ainda, por exemplo, medo que lhe seja negada a possibilidade de ver os filhos".

Quanto à tipologia dos crimes de que são alvo, Sílvia Branco revela que, na sua maioria, são maus tratos psicológicos de forma continuada, registando-se também situações de violência física.

Aliás, de acordo com os dados que a APAV dispõe relativamente aos casos que acompanhou, também os casos de maus-tratos físicos contra indivíduos do sexo masculino têm registado um acréscimo considerável nos últimos tempos.

#### Denúncias tendem a aumentar

Apesar de estar convicta de que tende a aumentar o número de denúncias por parte de indivíduos do sexo masculino que fo-

ram alvo de algum tipo de violência, Sílvia Branco acredita que o facto de terem a ideia de que, por certas pessoas, serão considerados "mais fracos" por não terem tido uma atitude de resposta diante da agressão, tal pode constituir um entrave à denúncia.

Ainda assim, a APAV está a apostar em desenvolver ao longo do corrente ano várias acções de sensibilização/prevenção da violência.

"Já demos especial atenção às crianças, às mulheres e aos idosos e agora há também que ter espaço para os homens", argumenta.

Recorde-se, a propósito que, em termos nacionais, em 2008, foram abertos 7852 processos na APAV onde se registaram casos de vitimação e, em mais de 36% dos casos, foi efectuada uma queixa/denúncia junto de uma das autoridades competentes.

O contacto com a APAV pode ser presencial ou por telefone. ||





**ESPECIAL** Dia Internacional da **MULHER**  
8 de Março

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

*Apesar dos maus-tratos a que estão sujeitas, algumas mulheres permanecem ao lado do companheiro. Será amor, medo ou falta de recursos para lidar com a realidade?*

# O QUE PRENDE as vítimas ao AGRESSOR?

**F**OI agredida, apresentou queixa nas autoridades, refugiou-se em casa e agradeceu o apoio dos fãs. Procurando fugir à pressão mediática, Rihanna viveu dias solitários, evitou comparecer em público ou tecer comentários sobre o incidente. Apesar dos apelos dos amigos, para se concentrar unicamente na carreira, a cantora tenciona regressar para os braços do namorado, Chris Brown. Está disposta a perdôá-lo e a manter a relação amorosa, supostamente por não conseguir viver sem ele.

Será que, por amor, Rihanna está disposta a tudo? Coincidência ou não, esta história está a conhecer outros pormenores. O caso vai seguir para tribunal e Chris Brown pretende alegar legítima defesa, argumentando que reagiu depois de ter sido atacado pela namorada. Para além disso, inscreveu-se voluntariamente num curso de controlo emocional, certamente, para se tentar redimir.

Porém, afinal, o que motiva uma mulher, vítima de maus-tratos, a manter a relação? “Seguramente, não uma, mas várias razões: medo da solidão, de não conseguir sobreviver financeiramente sozinha, de que os filhos sofram, de vingança, entre muitas outras. Todas elas geradas por uma baixa auto-estima, auto-imagem, autoconfiança e insegurança. Resumindo, pela falta de recursos, a vários níveis, para lidar com a situação. Mas também porque não conseguem sair de um ciclo que se denomina de ciclo da violência doméstica. A maioria precisa de ajuda psicológica para o conseguir fazer”, explica a dra. Margarida Vieitez, coordenadora do Espaço Família.

Rejeitar a gravidade da situação é uma forma de lidar com a dor.

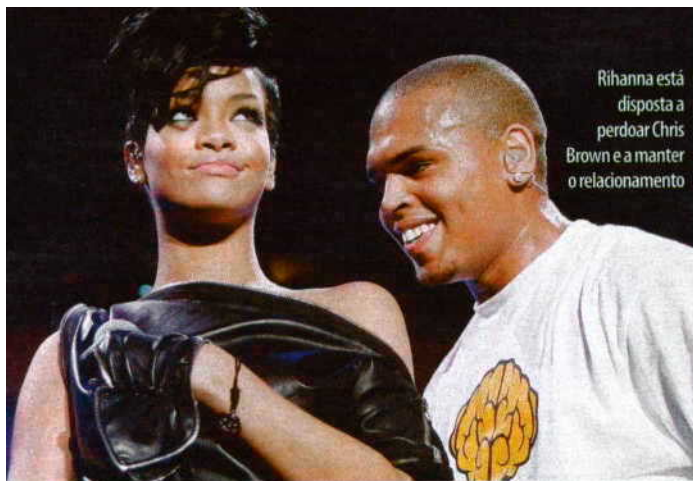
## O que os números revelam

Em relação ao primeiro semestre de 2008, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou **7788** crimes de violência doméstica. Veja quais são os mais comuns:

|                         |              |
|-------------------------|--------------|
| • Difamação/Injúrias    | <b>11,9%</b> |
| • Ameaças/Coacção       | <b>20%</b>   |
| • Maus-tratos físicos   | <b>30%</b>   |
| • Maus-tratos psíquicos | <b>33,9%</b> |

Fonte: APAV 2008 – Unidade de Estatística 10/09/Maria– Infografia Impala/Luís Gaspar





Rihanna está disposta a perdoar Chris Brown e a manter o relacionamento



Chábeli retirou uma queixa contra o marido e mantém o casamento

Por outro lado, a ilusão de que o parceiro pode mudar leva a vítima a não reconhecer a gravidade da situação e a preocupar-se em esconder os conflitos conjugais. É esta a perspectiva de Elsa Raposo, que admite ter sido vítima de violência doméstica, na entrevista que pode ler nas páginas 14 a 16 desta edição.

#### **Ganhar coragem para denunciar**

Na maioria dos casos, a vítima sofre em silêncio e mostra relutância em denunciar o agressor. "Relativizar os acontecimentos de que somos vítimas, negar a sua gravidade ou fazer de conta que não ocorrem é uma forma de lidar com a dor. Não me parece que as mulheres estejam condenadas ao sofrimento. Existem é as que têm mais recursos, especialmente a nível psicológico, para gerir estas situações, e as que precisam

efectivamente da ajuda de outrém para os descobrir. Muitas das mulheres vítimas de violência doméstica já o foram na infância e adolescência, e viveram o mesmo tipo de situação com os seus pais, seja violência física ou psicológica", explica a psicóloga, que acrescenta o que leva a mulher a ganhar coragem: "Perceber que está inserida num ciclo de violência doméstica, que é vítima de um crime, descobrir recursos para lidar com a situação e, quando estiver preparada, pôr um ponto final na relação, pois quem nos maltrata não nos merece! Pedir ajuda é o primeiro passo!"

#### **CONTACTO ÚTIL**

Associação Portuguesa  
de Apoio à Vítima  
Tel.: 707 200 077

### **Uma segunda OPORTUNIDADE**

A filha de Julio Iglesias revelou ter vivido uma experiência dramática com o marido, Christian Altaba. O incidente ocorreu em 2007, altura em que Chábeli denunciou o cônjuge por maus-tratos. "Christian e eu tivemos uma discussão muito grande e assustei-me porque nunca o tinha visto tão alterado", afirmou numa entrevista à revista *Hola*. A queixa foi formalizada, mas acabou por ser retirada, pois Chábeli diz que se tratou apenas de um desentendimento matrimonial e decidiu dar uma oportunidade ao marido. "Christian pediu perdão e prometeu-me que nunca mais voltaria a acontecer algo semelhante", contou à referida publicação, frisando ainda que o parceiro nunca a agrediu fisicamente.





Dia da Mulher celebrado com prendas e condenação da violência

# Parturientes em Viana vão ter quartos particulares e companhia



Mulheres do Alto Minho vão ter partos mais humanizados

 Francisco de Assis

Viana do Castelo celebrou com pompa e circunstância o Dia Internacional da Mulher, onde foram deixadas condenações veementes à barbárie contra as mulheres, mas também foram anunciadas "prendas" na saúde materno-infantil. Assim, as parturientes do Alto Minho vão poder usufruir de quartos particulares e de uma companhia nas primeiras 24 horas.

As novidades foram anunciadas pelo presidente do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde do Alto Minho (ULSAM), Martins Alves; e explicadas ao *Diário do Minho* por Paula Pinheiro, coordenadora da Unidade de Medicina Fetal e de Diagnóstico Pré-Natal do Hospital de Viana do Castelo.

Martins Alves destacou o aumento dos recursos humanos e físicos, que vão permitir a criação de seis quartos individuais para a permanência do marido ou companheiro da parturiente nas primeiras 24 horas.

«Este é um projecto muito interessante que vai diferenciar o Hospital de Viana de muitos outros. Nas primeiras 24 horas pós-parto, as parturientes vão estar em quartos particulares, acompanhadas pelos maridos ou por um fa-

miliar, sem qualquer encargo suplementar», concretizou Paula Pinheiro.

Esta responsável justificou a medida com o facto das primeiras 24 horas pós-parto serem de emoção, de maior fragilidade, pelo que é bom ter a companhia de alguém. «É uma melhoria significativa nos cuidados de humanização que estamos a levar a cabo com as novas obras que já estão a iniciar», clarificou.

Os responsáveis hospitalares mostraram-se preocupados com a saúde da mulher e o seu bem-estar. E neste momento, o Hospital de Viana está a contrariar o desinvestimento nos recursos humanos, apostando nos recursos físicos e humanos no serviço de ginecologia e obstetrícia.

Por isso, Paula Pinheiro realçou o trabalho daqueles que, durante muito tempo fizeram tanto com tão pouca gente. «Foram uns heróis», disse.

Outras das novidades avançadas tem que ver com o diagnóstico pré-natal. «Em Viana já se faz aquilo que a Direcção Geral de Saúde gostaria de fazer a nível nacional, que é fazer o rastreio bioquímico e a ecografia do primeiro trimestre. Não é pioneiro, mas somos um dos poucos hospitais que está a cumprir todas as regras impostas pela Direcção Geral de Saúde», sustentou.

O rastreio contra o cancro do colo do útero foi outro serviço implementado a favor da mulher.

## Violência doméstica envergonha o País

Um dos convidados para a celebração do Dia da Mulher em Viana foi o secretário de Estado da Saúde, Manuel Pizarro. Depois de elogiar o trabalho desenvolvido no campo da saúde, tanto a nível local como nacional, o governante enfatizou a necessidade de denunciar a violência doméstica. «É um crime que envergonha o nosso país e todos podemos denunciá-lo. Sou contra o ditado popular "entre marido e mulher não se mete a colher"», disse.

Uma das muitas palestrantes foi Teresa Sofia Silva, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Em declarações ao *DM*, classificou a realidade portuguesa de «pessimista», porque os números estão sempre a aumentar. «Só no ano passado, a APAV de Braga [Distritos de Braga e Viana] registou 411 atendimentos. No ano anterior foram 307. Foi um acréscimo enorme, mas temos a percepção de que as denúncias são a ponta do iceberg», disse.

Teresa Sofia quer que os nú-

meros cresçam, não pelo aumento dos casos, mas pelo aumento das denúncias e que mais pessoas peçam ajuda. Em relação às leis, apesar de ter havido melhorias, continuam a beneficiar o infractor. «São elas que têm que sair de casa. O agressor só pode ser detido em flagrante delito, o que nunca acontece. As vítimas é que saem de casa e não têm para onde ir», recordou.

Paula Pinheiro também reforçou a mensagem da necessidade de comemorar o Dia da Mulher, entre outros motivos, para denunciar as barbáries cometidas contra as mulheres em qualquer ponto do globo.

A iniciativa teve várias palestras, contando com mulheres de vários ramos profissionais.

Defensor Moura, presidente da Câmara Municipal de Viana, também homenageou as mulheres e sublinhou a evolução do Hospital de Viana.

A iniciativa decorreu no Forte de Santiago da Barra e contou a ainda com as presenças de Maciel Barbosa, da ARR Norte, do governador civil de Viana, Pita Guerreiro, entre outras.

No local estiveram stands promocionais de algumas instituições, nomeadamente o IPJ, a APAV e Liga Portuguesa da Luta Contra o Cancro.



**ESCREVE QUEM SABE**



**SUSANA FEIO & DÂNIA FERREIRA**  
Enfermeira Aluna do 5.º ano  
de Medicina  
da Universidade do Minho

# Mulher: igualdade vs violência...

**“Se é vítima de violência doméstica, não se esconda. Mantenha a calma e siga os conselhos da APAV: peça socorro e/ou procure refúgio e auxílio de vizinhos ou amigos que possam servir de testemunhas; contacte o 112; procure ser tratada e observada por um médico, ainda que não tenha sinais visíveis de agressão”**

No passado domingo assinalou-se o “Dia Internacional da Mulher”. A sua origem remete ao ano de 1857, data em que as operárias têxteis de uma fábrica de Nova Iorque iniciaram uma marcha de protesto contra os baixos salários, as más condições de trabalho e o largo número de horas de trabalho diário.

Em 1910, numa Conferência Internacional de Mulheres, realizada na Dinamarca, como forma de homenagear aquelas operárias têxteis de Nova Iorque, foi decidido comemorar o dia 8 de Março como o Dia Internacional da Mulher. Desde essa data as mulheres têm vindo a adquirir direitos igualitários e inclusive lugares de destaque nos meios em que se movimentam.

No entanto, no que diz respeito a algumas dimensões, o domínio masculino é ainda notório. Falamos concreta-

mente da violência doméstica. O fenómeno da violência doméstica é ainda um exemplo de atentado à dignidade e direitos da mulher. As Nações Unidas, na Declaração sobre Direitos Humanos, assinalam este problema como global, porque tem vindo a ser praticado através dos tempos, com características semelhantes em países cultural e geograficamente distintos. Em nenhum país do mundo as mulheres são tratadas de forma igual aos homens. A violência surge, pois, como um exercício de poder arbitrário do mais forte sobre o mais fraco.

Independentemente da forma que possa assumir, a violência contra as mulheres no contexto doméstico raramente se consubstancia em apenas uma situação ou incidente. Geralmente congrega um conjunto de comportamentos que se traduzem

num padrão comportamental de abuso e controlo, em que o agressor tem como objectivo último o exercício de poder sobre a vítima.

Segundo informação divulgada no Diário de Notícias, no ano de 2008 cerca de 6980 pessoas queixaram-se de violência doméstica à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), o que representa um aumento de 17,4% comparativamente com o ano de 2007. Também nas denúncias junto da GNR há uma subida significativa de 15%.

O mesmo se prevê na PSP, tudo indicando que no último ano se tenha registado a maior evolução de sempre ao nível dos casos denunciados. Neste âmbito, e apesar de também se constatarem crimes contra homens, crianças e idosos, as mulheres são ainda as mais vitimizadas. Segundo dados estatísticos da APAV, no ano de 2008,

da totalidade de crimes denunciados, mais de 87% tiveram como vítimas mulheres, o que corresponde a uma média de 20 crimes por dia.

Se é vítima de violência doméstica, não se esconda. Mantenha a calma e siga os conselhos da APAV: peça socorro e/ou procure refúgio e auxílio de vizinhos ou amigos que possam servir de testemunhas; contacte o 112; procure ser tratada e observada por um médico, ainda que não tenha sinais visíveis de agressão e, se possível, solicite a um familiar ou pessoa próxima que a acompanhe.

E lembre-se: “A mulher foi feita da costela do homem; não dos pés para ser pisada, nem da cabeça para ser superior; mas sim do lado para ser igual, debaixo do braço para ser protegida e do lado do coração para ser amada.” (Maomé)



**Espanha.** As famílias das vítimas do brutal atentado de 11 de Março de 2004 querem que o facto não caia no esquecimento. Criticam o Governo por ter estado ausente da evocação do pesadelo que há cinco anos enlutou todo o país



Responsáveis da câmara de Madrid na cerimónia de ontem

# “Terrorismo é um crime contra a humanidade”

## Críticas ao Governo por não participar na homenagem às vítimas

CÉU NEVES em Madrid

“Verdade, memória, dignidade e justiça para todas as vítimas do terrorismo na Europa e em todo o Mundo”. A frase de Angeles Pedraza, que perdeu a filha a 11 de Março de 2004, encerrou a cerimónia de homenagem promovida pela Rede Europeia das Vítimas do Terrorismo, ontem, no Parque do Retiro, em Madrid. As vítimas e a população espanhola criticam o PSOE e o governo espanhol por não participarem. E vão lutar para que o Tribunal Internacional de Haia considere o terrorismo um crime contra humanidade.

Angela Pedraza não dormiu na noite de terça para quarta-feira. É sempre assim, há quatro anos. E às 7,39 sentiu a mesma dor

como se um punhal lhe atravessasse o peito. É a hora em que estima que a filha Miriam, de 25 anos, morreu quando seguia pela rua Tellez, junto à estação de Atocha. Foi atingida por uma bomba. “Não regressou à noite e percebi que estava morta.”

A descoberta da verdade é o primeiro objectivo das vítimas do atentado 11 de Março de 2004. O segundo é pressionar o Governo para que não sinta que o processo está encerrado e que cala no esquecimento. Tanto mais que não compareceram nem a esta nem às outras cerimónias. “Não compreendemos porque é que o Governo não está aqui. Não compreendemos por que o PSOE não está do nosso lado. Estão a colocar os interesses políticos acima da luta contra o terrorismo, acusa Cristina Cuesta, presidente do Colectivo de Vítimas do Terrorismo.

Cristina refere-se, também, ao facto de o Partido Socialista de Madrid ter boicotado a cerimónia de homenagem organizada

pela Comunidade madrilenha, nas Portas do Sol, em protesto contra Esperanza Aguirre, o seu presidente. Os socialistas dizem protestar contra o facto da Comissão de Investigação, dependente da Comunidade, ter encerrado o processo de averiguações uma semana depois de o terem aberto por terem sido apresentadas suspeitas.

Cristina vivia em San Sebastian mas foi ameaçada e mudou-se para Madrid. É filha de Henrique Cuesta, morto aos 54 anos no dia 23 de Março de 1982. Ontem iniciou uma campanha para que o Tribunal Internacional de Haia considere o terrorismo crime contra a humanidade, uma medida que os deputados também votaram no Parlamento. O que mais lhe custou no atentado que vitimou o pai foi não poder gritar a sua raiva. E lembra: “O pior foi conviver com os cidadãos que justificavam o crime. Ter que estar em silêncio. Não éramos reconhecidas como vítimas.”

## Cravos brancos no não à violência

Trinta minutos foi quanto demorou a cerimónia de homenagem às vítimas do atentado de 11 de Março e de todas as afectadas pela violência terrorista em geral. Mais de 500 voluntários distribuíram “pins” à população e receberam com cravos brancos o grupo da Rede Euro pela das Vítimas do Terrorismo. O mesmo 11



de Março que foi escolhido pela Comissão Europeia, por proposta do eurodeputado do CDS Ribeiro e Castro, como Dia Europeu em Memória das Vítimas do Terrorismo.

## TESTEMUNHAS DE MOMENTOS TRÁGICOS

O terrorismo é uma das maiores pragas do mundo contemporâneo. O DN recolheu em Madrid depoimentos de várias pessoas que de um modo ou de outro foram vítimas de actos terroristas. Todas viram a vida mudar para sempre. Só por terem estado no local errado e no momento errado.

**Levava uma bolsa com papéis e documentos. Vi que não tinha hipóteses de ver uma arma apontada contra mim. Gritei e levantei os braços. Dispararam e atiraram uma bala contra o coração, onde estava a bolsa. Atravessou os documentos, os papéis e ficou alojada na parte de trás, no cobedal. Pensei que tinha morrido.”** Dante Notaristefano, 79 anos, advogado, ex-secretário do partido italiano da Democracia Cristã. Sofre do síndrome de distúrbio pós-traumático do stress. Sobreviveu a um atentado das Brigadas Vermelhas.

Turim, 20 de Abril de 1977

**Estava um dia lindo, de sol. O meu filho tinha ido à baixa comprar uns ‘jeans’. Uma ameaça de bomba levou a polícia a evacuar as pessoas do Tribunal, mas era falsa. Um carro-bomba estava junto a uma escola e o meu filho foi uma das vítimas mortais. Conheci outro mundo.”** Michael Gallagher, 60 anos, reformado, presidente do Grupo de Apoio às Vítimas de Omagh, um dos atentados do IRA que mais pessoas vitimou na Irlanda do Norte. Custa-lhe ver quem defendeu os atentados estar agora no Governo irlandês por “excesso de benevolência”.

Omagh, 15 de Agosto de 1998  
31 mortos, 372 feridos

**Vivemos 12 anos sabendo que ele iria morrer. Só não sabíamos quando. Pedi-lhe para mudarmos de cidade. Olhou-me e respondeu: “Não deixa a minha terra nas mãos dos assassinos.” Teve escotla mas o Governo acabou por a retirar. “Não quero que os meus filhos e netos passem o mesmo.”** Maria Carmen Heras, 73 anos, mulher de Fernando Heras, advogado e membro do PSOE, morto pela ETA. Tem três filhos – o do meio mudou-se para Madrid após os atentados. Carmen seguiu-lhe os passos há cinco anos. “Não aguento aquela sociedade!”

San Sebastian, 6 de Fevereiro de 1996, um morto

**A minha vida mudou para sempre. Seguiu no autocarro 14 que foi atingido por uma bomba. Fecho os olhos e ouço o som da explosão e sinto os estilhaços. Foi um milagre sobreviver”,** diz Sarry Singer, 31 anos, filha do senador de New Jersey, Robert Singer, que morreu no ataque. A americana fundou a associação “Um Coração” com Jacob Kimchy, um israelita cujo pai, Rami Kimchy, também foi vítima mortal de um bombardeio suicida do Hamas, no dia 7 de Maio de 2002. “Só posso dizer que visitei o parque de diversões do diabo!”

Jerusalém, 11 de Junho de 2003  
16 mortos, 100 feridos

**Estavam naquele mercado 44 crianças francesas, entre as 13 e 17 anos. Não acreditamos que tenha sido acidental. Queremos um inquérito isento e que os interesses económicos e políticos não impeçam a descoberta da verdade.”** Chantal Anglade, três filhos, dois dos quais gémeos de 14 anos. Uma das pêmeas estava numa visita turística ao Cairo organizada pela outorga. A mãe não descansou enquanto não viajou para o Egipto na manhã do dia seguinte. A filha era um dos feridos, com os tornozelos partidos e diversas queimaduras.

Cairo, 22 de Fevereiro de 2008  
uma francesa morta e 22 feridos

MIGUEL NUNES/ASF



↓ Rosa Mota apoia APAV

## Rosa Mota solidária

Rosa Mota associa-se à VI Corrida de Solidariedade ISCPSI/APAV e Marcha das Famílias, organizada em parceria entre a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, que vai decorrer dia 29. A apresentação da prova realiza-se amanhã.



## ATLETISMO

► Rosa Mota é uma das personalidades que vai marcar presença, amanhã, na cerimónia de apresentação da 6.ª Corrida de Solidariedade ISCPS/APAV. Esta prova vai decorrer no próximo dia 29 e destina-se a apoiar a Associação Portuguesa de Apoio à Família.

12-03-2009

**Tiragem:** 154544

**País:** Portugal

**Period.:** Diária

**Âmbito:** Informação Geral

**Pág:** 44

**Cores:** Cor

**Área:** 8,21 x 4,00 cm<sup>2</sup>

**Corte:** 1 de 1



## Mafalda Teixeira

A actriz vai ser a imagem da sexta Corrida de Solidariedade ISCP/PAV e Marcha das Famílias, a decorrer a 29 de Março para angariar fundos para a PAV.







**HOJE NA UA**

## Analisar papel da mulher no mercado de trabalho

■ A Universidade de Aveiro (UA) realiza hoje, pelas 15 horas, na Sala de Actos Académicos da Reitoria, uma conferência sobre "A Mulher no mercado de trabalho". Durante a iniciativa, organizada por um grupo de alunas da licenciatura em Administração Pública, com o apoio do Núcleo de Estudantes de Administração Pública (NEAP), será abordada a progressão da mulher no mercado de trabalho, os seus direitos e condições de acesso.

A conferência integra a intervenção de um dirigente da CGTP, que abordará a temática da progressão da mulher no mercado de trabalho, os seus direitos e as condições de acesso, e de Sónia Santos, da APAV de Coimbra, que vai referir a experiência da APAV na óptica da mulher no mercado e trabalho, contrapondo as diferenças existentes, no que à violência doméstica diz respeito, entre as mulheres que estão e não estão inseridas no mercado de trabalho. No evento marcará presença, também, a comissária da PSP de Lisboa, Paula Monteiro, para testemunhar, a partir da sua experiência profissional, como é que uma mulher vence numa actividade maioritariamente masculina.

## 6.ª CORRIDA DA SOLIDARIEDADE

# Mafalda Teixeira apoia causa social

A actriz Mafalda Teixeira (ex-*Morangos com Açúcar*) e a medalhada olímpica Rosa Mota são algumas das figuras públicas que apoiam a 6ª Corrida de Solidariedade ISCSI/APAV e a Marcha das Famílias, eventos que resultam da parceria entre a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e o Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança

Interna (ISCPSI). A prova desportiva a realizar a 29 de Março tem como objectivo angariar receitas que reverterão na sua totalidade para a APAV, instituição particular de solidariedade social sem fins lucrativos e de voluntariado, que visa promover e contribuir para a informação, protecção e apoio aos cidadãos e vítimas de crimes.



SÉRGIO FREITAS/CM



13-03-2009

Tiragem: 120901

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 36

Cores: Cor

Área: 13,52 x 7,57 cm<sup>2</sup>

Corte: 1 de 1



MIGUEL NUNES/ASF

**6ª CORRIDA**  
SOLIDARIEDADE ISCPSI/APAV  
e MARCHA DAS FAMÍLIAS

**6ª CORRIDA DE SOLIDARIEDADE ISCPSI / APAV**

29 de Março de 2009  
10H30 Alcântara / Belém

**APOIO A VÍTIMA. A** ←  
campeã Rosa Mota, Daniela Fernandes, cadete do ISCPSI, e a actriz Mafalda Teixeira associaram-se à 6.ª Corrida de Solidariedade ISCPSI / APAV, que se realiza no dia 29, em Lisboa



13-03-2009

Tiragem: 113000

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 37

Cores: Cor

Área: 10,56 x 9,49 cm<sup>2</sup>

Corte: 1 de 1



A campeã olímpica Rosa Mota, de 50 anos, e a atriz e modelo Mafalda Teixeira, de 26, vão juntar-se à 6.ª edição da corrida de solidariedade Alcântara-Belém e Marcha das Famílias, no próximo dia 29, cujos fundos revertem a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)





## Fórum para a Participação da Mulher

“Ao longo dos próximos meses e anos vamos implementar sucessivamente um Fórum para a Participação da Mulher, que terá por missão criar oportunidades locais e regionais de reflexão e debate sobre o papel da mulher – de todas as mulheres – no

desenvolvimento dos Açores”, afirmou Berta Cabral, durante um encontro com duas centenas de mulheres, em Ponta Delgada, que assinalou o Dia Internacional da Mulher.

O fórum vai desenvolver-se de forma progressiva, “especialmente

nos anos de 2010 e 2011”, culminando como uma das “componentes sociais do programa eleitoral de governo” que o PSD vai submeter ao eleitorado nas eleições legislativas regionais de 2012”.

Berta Cabral referiu, no entanto,

que “não nos devemos iludir pela liderança de algumas mulheres no palco da vida quando ainda em bastidores há muitas outras sem reconhecimento e, principalmente, sem respeito”.

“A nossa primeira palavra de pre-

ocupação e de solidariedade é para as 177 mulheres dos Açores que no ano passado tiveram a coragem de denunciar à APAV que são vítimas de violência física e psicológica no meio familiar, em muitos casos de forma continuada.



login  
e-Mail:   
senha:  ok

[Registar-se](#) [Recuperar a senha](#)

[INÍCIO](#) | [mapa do site](#) | [contacte-nos](#)

[Pesquisar](#)

[câmara municipal](#)

[serviços](#)

[agenda cultural](#)

[assembleia municipal](#)

[juntas de freguesia](#)

[o concelho](#)

[ambiente](#)

[turismo](#)

[cpej](#)

[cultura](#)

[educação](#)

[galeria de imagens](#)

[acção social](#)

[associação cultural](#)

[página autárquica](#)



#### breves

de pinhar com care - 7.º ano  
Exposição de pintura com  
café Centro de Multimédia

**4 Abril - Sábado**  
Livro Infantil 14h20 Hora do  
Conto 15h00 Cinema  
"Estranho Caso de Benjamin  
Button" 21h30  
Exposição de pintura com

## Município de São Roque do Pico quer soluções, aos cidadãos dos idosos, evitando casos de violência

19-02-2007



Luís Filipe Silva, presidente do Município de São Roque do Pico, disse esta quarta-feira durante uma palestra sobre o tema *Violência na Pessoa Idosa*, organizada pelo Gabinete Solidário, "que não se pode esconder a existência de casos de violência a idosos."

O autarca acredita que se forem tomadas medidas hoje daqui a uns anos os Açores não estarão a sofrer do mesmo mal que o continente português. "As autarquias devem-se inteirar das realidades locais, procurar as soluções e apresentá-las às instâncias superiores, no caso ao Governo Regional" acrescentou o autarca, adicionando que "é nosso dever e não um favor, fazer de São Roque do Pico um Concelho planeado, para todos os idosos. É uma questão de respeito, um valor que se está a perder na sociedade de hoje."

Ideia de resto apoiada por Helena Costa, gestora regional da Associação Portuguesa de apoio à Víctima (APAV) ao garantir que "a maior parte dos idosos são vítimas silenciosas. Não acusam os agressores, porque, muitas vezes, se tratam dos seus filhos, irmãos ou mesmo netos."

O Gabinete Solidário com o apoio da Câmara Municipal de São Roque do Pico, teve por intenção, ao organizar este encontro, alertar a comunidade na procura de soluções e na prevenção de casos, como os que já estão a acontecer. Por exemplo à sede da APAV, em São Miguel, já chegam denúncias de violência a idosos da própria ilha.

"Violência na Pessoa Idosa tanto pode ser física, psicológica, como gestão danosa de bens patrimoniais" salientou Helena Costa, explicando que nos casos de agressão física, os idosos "fecham-se em copas, não querendo denunciar muitas vezes os próprios filhos e por outro lado não querem ficar sem cuidados".

Outro problema que referiu "é a morosidade do sistema de justiça, complicado e caro" que afasta o idoso dos tribunais.

Nos casos da agressão psicológica a gestora regional da APAV deu o exemplo de situações em que os idosos são tratados de forma acriançada/infantilizada.

Por fim, na gestão dos bens patrimoniais e aproveitando as palavras do Subcomissário Francisco Almeida da PSP ao dizer que "todos estes casos de agressão, são crime aos olhos da lei", acrescentou que "quando um filho, neto ou outro prestador de cuidados retém, contra sua vontade, a pensão ou outros bens, o idoso está a ser alvo de burla".

Helena Costa garante que a APAV ajuda em tudo o que pode, mas não tem uma varinha mágica. "É obrigação do Estado neste caso do Governo regional, criar condições, como por exemplo nos cuidados continuados, que possam colmatar estas longas listas nos Lares de idosos."





**NA ILHA DO PICO**

## Mulheres são vítimas de violência doméstica

Os dados estatísticos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), referentes a 2008, indicam que foram contabilizados 18.669 crimes em Portugal, dos quais 90 por cento são referentes a casos de violência doméstica, sendo a maioria das vítimas de sexo feminino.

A violência doméstica também afecta as mulheres nos Açores que recorrem a instituições de acolhimento para poderem fugir aos agressores.

A UMAR é uma dessas associações e dispõe de uma Casa Abrigo, situada no Faial, que acolhe diariamente vítimas de violência doméstica desde Outubro de 2005 e onde recebem alojamento, alimentação, segurança, acompanhamento diário e apoio jurídico, psicológico e social.

Ana (nome fictício) tem 22 anos e foi vítima de violência doméstica durante dois anos. Natural do concelho das Lajes do Pico, a jovem foi acolhida pela Casa Abrigo há cerca de seis meses.

Jovem, desempregada e com uma filha de um ex-namorado, Ana namorou durante seis meses e juntou-se com o parceiro de 23 anos de idade, que vivia com os pais no Faial.

Apesar de desta união ter nascido uma criança, "os tempos foram difíceis" a partir do momento em que Ana foi viver com ele. Segundo contou a jovem, a agressividade surgia "quando ele bebia demais".

O álcool foi a razão pela qual Ana sofreu durante dois anos de violência doméstica, a qual era do conhecimento dos pais e irmãos do agressor.

"Uma pessoa nem se podia aproximar quando ele bebia, não ouvia ninguém", disse, acrescentando que chegou a ser hospitalizada, "mas nas meninas ele nunca tocou".

Ana não trabalhava porque "ele dizia que não era preciso".

Chegou a fazer duas queixas na polícia, mas o receio levou-a a retirá-las de imediato.

"Farta desta vida", a jovem decidiu recorrer à associação UMAR e, com a ajuda de uma das funcionárias, fugiu de casa numa tarde.

"Tive de esperar que a mãe dele adormecesse, porque se

soubesse não me deixava sair", contou.

"Aqui sinto-me segura, mas ele sabe onde estou e já cá veio bater à porta", disse a jovem, que tenta combater o medo diariamente.

Apesar das "falsas desculpas" do ex-companheiro, Ana garante que não volta para ele e que o seu futuro é no Pico junto da sua família.

"Custa-me muito olhar para o passado e o que mais receio na vida é que as minhas meninas um dia sofram aquilo que eu sofri", disse.

Ana deixa uma mensagem a todas as mulheres que estejam a passar por tudo aquilo que ela passou: "Façam logo queixa, peçam ajuda, porque depois da primeira vez, vêm muitas mais".

### CASA DA UMAR

Segundo dados estatísticos fornecidos pela UMAR, a faixa etária mais comum entre as vítimas atendidas no centro de atendimento da associação, que funciona desde Maio de 2002, situa-se entre os 31 e os 40 anos de idade (33%), seguindo-se a faixa etária dos 41 aos 50 anos (25%) e dos 21 aos 30 anos (19%).

Mais de 45 por cento das vítimas que sofreram de violência doméstica recebem apoio psicológico e mais de 85 por cento dos casos são encaminhados para tribunal.

Cerca de 71 por cento das vítimas são naturais do Faial, mais de 23 por cento são do Pico e de São Jorge são apenas cinco por cento.

Relativamente à faixa etária das vítimas acolhidas na Casa Abrigo, cerca de 42 por cento tem entre 31 e 40 anos de idade, seguindo-se a faixa etária dos 21 aos 30 anos (26%) e dos 41 aos 50 anos (16%).

A naturalidade da maioria das vítimas acolhidas é do Faial (45%) e do Pico (26%). Na casa residem ainda 6,5% de vítimas naturais de São Miguel, Terceira e Flores, sendo as restantes naturais de São Jorge e do continente. Em termos de habilitações literárias, cerca de 40 por cento das vítimas tem apenas o ensino primário.

Em mais de 80 dos casos os agressores são cônjuges ou companheiros. □



**MULHERES** açorianas vítimas de violência doméstica



**Violência.** Denúncias à Associação de Apoio à Vítima cresceram 20% em dois anos

# Idosa de 83 anos agredida pela filha por não querer ir para lar

Nova lei da violência doméstica não chega para proteger idosos, diz APAV

PATRICIA JESUS

Uma mulher terá agredido a mãe de 83 anos na sequência de uma discussão sobre a intenção de internar a idosa num lar. O caso, ocorrido segunda-feira em Vila Franca de Xira, e comunicado às autoridades é mais um para juntar às estatísticas da violência contra idosos. Em 2008, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) registou 598 queixas – um aumento de cerca de 20% desde 2006 – mas o secretário-geral da organização acredita que são “a ponta da ponta do icebergue”. E alerta que a nova lei da violência doméstica não chega para proteger os idosos.

Para João Lázaro, da APAV, situações como a que ocorreu em Vila Franca de Xira exemplificam muitas das pressões que os idosos enfrentam, das agressões físicas à negligência e chantagem financeira. “Quando há queixas de violência física é mais fácil intervir mas não sei quantos idosos estarão em lares contra a sua vontade, quase sequestrados, ou simplesmente não foram ouvidos sobre essa decisão”, explica.

Por outro lado, é muito difícil in-



Idosos estão sujeitos a muitos tipos de violência, alerta a APAV

tervir porque a lei não tem um meio termo quando à incapacidade: “ou considera a pessoa capaz ou incapaz”, diz. “É preciso um novo enquadramento legal” reforça a procuradora-geral adjunta e presidente da APAV Joana Marques Vidal.

A nova lei da violência doméstica, aprovada em Fevereiro, não satisfaz

porque é “muito focalizada na violência contra mulheres e não tem um nível específico de intervenção junto das pessoas idosas”, denuncia João Lázaro.

## Falta consciência social

“Este tema está como estava a violência contra as mulheres há 10, 15 anos,

falta consciência social. Muita violência nem sequer é percebida pelas vítimas como tal”, diz o secretário-geral.

Apesar de tudo, o responsável considera que a situação já está a mudar. Para isso terá contribuído a atenção que o Procurador-Geral da República, Pinto Monteiro, deu ao

tema, designando-o como prioritário logo no início do mandato.

Em 2008, dos 6980 processos de violência doméstica registados pela APAV, 568 (8,1%) diziam respeito a idosos. “Sabemos que muitas vezes os filhos são os agressores, mas também há agressões por cônjuges e ou em lares”, diz João Lázaro. ■

## QUEIXAS CRESCEM

Uma parte importante das agressões a idosos é cometida pelos familiares

**20** por cento

de aumento, de 2006 a 2008, no n.º de queixas de violência sobre idosos na APAV

**568** casos

de violência doméstica com pessoas mais velhas, em 2008, segundo os dados da APAV

**20** por cento

das agressões a idosos são cometidas pelos descendentes directos, segundo a GNR

**68** inquéritos

abertos pela Procuradoria-Geral de Lisboa por violência contra idosos em 2008





# Basta de violência doméstica!



**N**o âmbito da área curricular não disciplinar de Área de Projecto, no contexto da turma B do 12.º ano, terão lugar no próximo dia 26 (Quinta-feira), no Centro Paroquial de Almacave, duas sessões subordinadas ao tema "Violência Doméstica", destinadas aos alunos do ensino secundário da Escola Secundária/2, 3 da Sé e à comunidade em geral.

Cada sessão será iniciada por uma pequena dramatização, cujo texto foi elaborado pelos alunos do 12.º B, sob orientação da professora de Português. Quanto à dramatização, será levada à cena pelos alunos da Oficina de Expressões da Escola Secundária/2, 3 da Sé, com o apoio técnico da turma anteriormente referida. Ambas as sessões contarão com o contributo de um elemento da APAV (Associação de Apoio à Vítima) e outro da CPCJ (Comissão de Protecção de Jovens e Crianças em Risco de Lamego).

Os objectivos inerentes a esta iniciativa prendem-se com a necessidade de sensibilizar os jovens e a comunidade em geral para a falta cada vez maior de Valores, como o Respeito e a Solidariedade, entre outros. É também uma forma de homenagear as mulheres, dado serem umas das principais vítimas deste flagelo.

Para viabilizar esta acção, existe uma grande interdisciplinaridade entre os docentes de Área de Projecto (professor José Francisco), de Educação Moral e Religiosa Católica (professor Simão Botelho) e de Português (professora Amélia Bernardo).

Pelo que fica expresso nos parágrafos anteriores, se infere que, nesta convergência de esforços, não faltam a Oficina de Expressões (dinamizada pela professora Herminia Oliveira), a APAV e a CPCJ de Lamego.

Faça como nós! Não deixe que esta interacção lhe escape. Venha, ouça, reflecta, compare opiniões, colabore nesta tentativa de mudança de mentalidades e de comportamentos.

Até de hoje a uma semana, às 15.45 horas, horário reservado à comunidade em geral.

A TURMA DO 12.º B





# Violência doméstica em debate

**Sociedade** → Associação de Cidadania Activa debateu violência doméstica e assédio sexual

O debate promovido no sábado pela Associação Portuguesa de Cidadania Activa contou, mais uma vez, com casa cheia. O tema do encontro "Silêncios da Sociedade II - Violência Doméstica e Assédio Sexual", motivou uma ampla participação de cidadãos que lotaram, no sábado à tarde, o auditório da Casa do Brasil, em Santarém.

O debate contou com as intervenções de Jorge Lacão, secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, Helena Pinto, deputada à Assembleia da República pelo Bloco de Esquerda, Manuela Fialho, juíza de Direito no Tribunal de Trabalho de Caldas da Rainha, António Gaspar, juiz de Direito no Tribunal Judicial de Santarém e Cármen Videira, gestora do Gabinete da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima em Santarém.

O debate enquadra-se no conjunto de iniciativas que a APCA - Associação Portuguesa de Cidadania Activa, apartidária e sem fins lucrativos, tem vindo a realizar com o objectivo de levar informação qualificada aos cidadãos e in-



**Ascensão Duarte, presidente da Associação Portuguesa de Cidadania Activa**

centivá-los a exercer a sua cidadania.

Intitulado "Silêncios da Sociedade II - Violência Doméstica e Assédio Sexual" o debate teve como objectivo contribuir para a diminuição destes tipos de violência.

A moderação coube a Ascensão Duarte, presidente da Associação Por-

tuguesa de Cidadania Activa que considerou que "numa sociedade que se quer desenvolvida não pode, nem deve, haver lugar para este tipo de violência" e acrescentou que "o combate a este flagelo tem de ser um combate de todos os cidadãos".

Jorge Lacão, responsável pela alteração legislativa

em curso, salientou a importância da nova lei enquanto instrumento jurídico capaz de tornar mais eficaz o combate à violência doméstica bem como a sua prevenção. Já Helena Pinto salientou que a Proposta de Lei é positiva mas carece de aperfeiçoamento. O Juiz António Gaspar mencionando a sua longa

experiência profissional realçou que actualmente chegam aos tribunais cada vez mais casos de violência doméstica e apresentou algumas sugestões à nova Proposta de Lei, que no seu entender, clarificariam alguns aspectos da proposta.

A representante da APAV, Cármen Videira, fez uma abordagem da problemática da violência doméstica no distrito. Sobre o tema do assédio sexual a juíza Manuela Fialho, com vasta experiência em direito do trabalho, tipificou este tipo de crime e incentivou as vítimas a apresentarem queixa. Estima-se que quatro em cada dez trabalhadoras são assediadas no emprego, mas por medo e vergonha a maioria não o denuncia. No ano passado, foram instaurados mais de 300 processos disciplinares relacionados com este crime, que o inspector-geral do Trabalho diz estar a aumentar em Portugal.

A elevada participação no debate, que tornou pequeno o auditório da Casa do Brasil, revela o interesse e a preocupação da população sobre estas problemáticas.



## ALERTA ■ CRIMINALIDADE AUMENTA EM ANOS DE RECESSÃO

# Crise faz agravar violência em casa

■ Cáritas Portuguesa preocupada com coesão familiar e com aumento de agressões relacionadas com a falta de emprego. Instituições temem futuro

● MANUELA GUERREIRO

Os problemas resultantes da actual crise financeira, sobretudo da crescente falta de emprego, “estão a colocar em risco a coesão familiar”, verificando-se um “aumento dos casos de violência doméstica e de divórcios”. O alerta foi lançado ontem pela Cáritas Portuguesa, que reuniu durante dois dias em Vila Viçosa. Duas das 16 Cáritas Diocesanas presentes no encontro registaram um aumento do número de mulheres vítimas de maus tratos físicos.

“Está provado que em anos de crise a criminalidade tende a aumentar”, diz João Lázaro, director executivo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), entidade que já no ano passado registou um aumento de pedidos de ajuda. Em 2008, a APAV recebeu 18 669 denúncias, mais 2200 face ao ano anterior. Noventa por cento são casos de violência doméstica que correspondem, na maioria (80%), a casos continuados de maus tratos.

Os efeitos da crise financeira e económica estão também a reflectir-se no aumento de pedidos de ajuda a instituições de solidariedade. No Algarve, por exemplo, há casos em que essas solicitações aumentaram 50 por cento (ver caixa).

Segundo a Cáritas, “as próprias instituições sociais estão a perder sustentabilidade financeira”, devido à “diminuição das participações financeiras das famílias”. Algumas, lê-se num comunicado da instituição, “poderão mesmo vir a encerrar por se tornarem economicamente inviáveis”.



Situações de violência doméstica podem aumentar

**Instituições sociais podem fechar por falta de dinheiro**



Mais pessoas pedem comer

## SAIBA MAIS

### PERFIL DA VÍTIMA

Mulher, portuguesa, entre os 26 e os 45 anos, casada, com filhos, vive nas grandes cidades e trabalha, é este o perfil da vítima-tipo de crimes, de acordo com os dados da APAV de 2008.

### 18 669

denúncias recebeu a APAV no ano passado, mais 2200 do que em 2007. A maioria são casos de violência doméstica.

### 5

paróquias de Viana do Castelo vão começar a distribuir semanalmente, a partir de Abril, uma “sopa conforto” para ajudar os mais necessitados.

### CÁRITAS

A Cáritas Portuguesa é uma instituição oficial da Conferência Episcopal, para a promoção e dinamização da acção social da Igreja.

## Pedidos de apoio disparam

● O número de pessoas que recorre diariamente ao único refeitório social existente em Portimão mais do que duplicou no espaço de um ano. Este é apenas um exemplo dos efeitos da crise no Algarve: as instituições de apoio aos mais pobres viram disparar os pedidos de ajuda e são necessários mais voluntários. “Temos a única porta aberta para alimentação na cidade. Não conseguimos atender mais pessoas”,

refere o padre Arsénio Castro da Silva, da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo, que há três anos criou um refeitório social em Portimão. “É um milagre o que se consegue fazer”, diz. Também o Castelo de Sonhos, instituição de Silves que apoia famílias carenciadas, registou um aumento de pedidos de ajuda na ordem dos 50% e a Sociedade de São Vicente de Paulo sentiu um acréscimo de 30%. ■ J.C.E.



**VI CORRIDA  
ISCPSI/APAV EM LISBOA**

Vai realizar-se a 29 de Março, em Lisboa, mais uma corrida de solidariedade com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, entre Alcântara e Belém, com partida às 10 horas. A prova desportiva tem como objectivo



alcançar verbas que revertem para a APAV, instituição particular de solidariedade social, sem fins lucrativos e de voluntariado, que tem como principal objectivo

promover e contribuir para a informação, protecção e apoio a todos quantos são vítimas de violência. Informações detalhadas em: <http://www.corrida-iscpsi-apav.net>.





## Filme sobre violência doméstica concorre a festivais de cinema

**Cinema.** Longa-metragem de Ana Campina foi filmada em Lisboa e é protagonizada por Filipe Camargo

Entre 11 e 20 de Dezembro do ano passado a realizadora brasileira Ana Campina filmou em Lisboa, Oeiras, Torres Vedras e Trafaria o filme *As Maltratadas*, uma obra sobre a violência doméstica e o tráfico de mulheres. Agora o filme vai concorrer a variados festivais internacionais de cinema. Esta longa-metragem vai concorrer em duas versões diferentes: uma portuguesa e outra inglesa, com o título

*The Abused*.

Neste filme participam actores como Filipe Camargo, Douglas Barcelos, Camila Alves, Shelby Lee e Alexandra Freudenthal.

O guião deste filme foi trabalhado por Ana Campina durante dois anos. A realizadora brasileira foi ainda responsável pela produção desta longa-metragem.

*As Maltratadas* contou com o apoio da Associação Portuguesa

de Apoio à Vítima (APAV), com quem a realizadora recentemente assinou um protocolo, com o objectivo de promover o debate desta temática.

Este projecto contou ainda com a colaboração do norte-americano Eric Green na direcção de fotografia e do produtor brasileiro Enzo Lamblet.

Já a banda sonora de *As Maltratadas* foi composta por Paulo Brissos e Samuel Silva. O grupo Delfins também participa na música do filme, com o tema *O Som e a Fúria*. ■



## VI CORRIDA ISCPSI/APAV EM LISBOA

**Vai realizar-se a 29 de Março, em Lisboa, mais uma corrida de solidariedade com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, entre Alcântara e Belém, com partida às 10 horas. A prova desportiva tem como objectivo**



alcançar verbas que revertem para a APAV, instituição particular de solidariedade social, sem fins lucrativos e de voluntariado, que tem como principal objectivo

**promover e contribuir para a informação, protecção e apoio a todos quantos são vítimas de violência. Informações detalhadas em: <http://www.corrida-iscpsi-apav.net>.**



## ATTUALITÀ

[Sexo, drogas e...Myspace](#) « [Atualidade](#) « [Página Inicial](#) |

## Sexo, drogas e...Myspace

Redes sociais mais populares da Internet são montra para comportamentos de risco dos adolescentes. Começar cedo a educar para os perigos que se escondem na Web é fundamental, alertam os especialistas.

Nelson Marques

9:01 Domingo, 29 de Mar de 2009

Última actualizaçãohá 2 minutos

CC

Comente [8 visitas]      Partilhe         

Partilhe

Os dados são alarmantes: mais de metade (54%) dos adolescentes inscritos no Myspace , uma das mais populares redes sociais da Internet, descrevem nos seus perfis comportamentos de risco, relacionados sobretudo com violência, sexo ou drogas. As conclusões fazem parte de um estudo publicado no início do ano na revista "Archives of Pediatric & Adolescent Medicine" que comprova aquilo que há muito se suspeitava: há cada vez mais jovens a transportar comportamentos privados para a esfera pública, alheios aos perigos a que se expõem.



Os autores do trabalho, da Escola de Medicina da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, analisaram os perfis públicos de meio milhão de jovens americanos (rapazes e raparigas) de 18 anos, escolhidos aleatoriamente. Entre os comportamentos de risco detectados, 41 por cento estavam relacionados com o consumo de drogas, 24 por cento com sexo e 14 por cento com violência. Os resultados, sublinham os investigadores, estão em consonância com outros trabalhos, segundo os quais até 47 por cento dos adolescentes de 16 e 17 anos faz referência nas suas redes sociais a comportamentos de risco associados a sexo e drogas.

"Dada a popularidade e o aumento de utilizadores destas comunidades, os pais, professores e psicólogos deveriam saber que estes portais expõem as crianças e adolescentes aos pedófilos, cibercrisesseguiradores e à pressão dos pares. Também deveriam assegurar que decisões importantes, como a universidade em que se vão inscrever e outras relacionadas com o futuro, não sejam influenciadas pelos rapazes e raparigas com que se cruzam na rede", alertam os autores, que reconhecem, contudo, algumas limitações no trabalho, nomeadamente a impossibilidade de confirmar se os jovens têm realmente 18 anos.

## A Internet como extensão do quarto

A realidade não é exclusiva do Myspace . Noutras redes sociais, como o Hi5 , a mais popular entre os portugueses, não faltam perfis com fotos ousadas, muitas vezes pornográficas, e comentários impróprios que vão escapando aos filtros de quem gere a rede. Páginas com direito a bolinha vermelha no canto superior direito, mas frequentadas, muitas vezes, por crianças. Nas palavras de Paulo Veríssimo, especialista em segurança informática que se tem dedicado a estudar a privacidade na Internet, é como se muitos jovens transformassem estas redes "numa extensão do seu quarto", um espaço privado dentro da esfera pública.

"Muitos adolescentes estão a abater as paredes do seu quarto ao estar diante do computador. Estão a fazer novos amigos, sem fronteiras de país, condição social, etnia, religião, etc. Tudo isto pode ser muito bom. Mas, ao fazê-lo, estão também a abater a sua própria privacidade e a expor-se à manipulação de muitas e anónimas pessoas, algumas com intenções criminosas", admite José Félix Duarte, assessor técnico da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que tem estado atento ao ciberespaço "como contexto específico para o aliciamento de crianças".

A psicóloga forense Catarina Ribeiro, que ouviu os testemunhos de cinco crianças vítimas de abusos online, alerta para os riscos de as crianças e adolescentes se exporem a um público, muitas vezes, desconhecido. "O risco da informação ser utilizada para fins que, por vezes podem trazer alguns perigos (redes de pedofilia ou outros contactos cujo desenvolvimento poderá ser, a partir de certa altura, incontrolável pelo jovem), é, nesta forma de comunicação, muito mais elevado".

Como as redes sociais fazem hoje parte da vida da maioria dos jovens, e de muitos adultos também, os especialistas convergem na prevenção em tenra idade. "As crianças devem, desde muito pequenas, ser orientadas e supervisionadas na utilização dos meios informáticos. Devem também trabalhar-se a partir da rede familiar, escolar e social (não no sentido informático do termo) as questões emocionais, as temáticas ligadas à procura de experiências novas, da procura de situações de risco, tão típica da adolescência. Todas estas dimensões deverão ser abordadas de forma tranquila e num registo dialógico, mais do que propositivo ou punitivo", refere Catarina Ribeiro.

## Portugueses no pódio europeu

Em Portugal, segundo a Marktest, cerca de 85 por cento dos internautas (mais de 2,5 milhões de pessoas) acederam em 2008 a páginas de redes sociais, despendendo aí, em média, 11,4 por cento do tempo passado na Internet. A rede mais procurada pelos utilizadores nacionais continua a ser o Hi5, que registou quase 87 por cento do total da navegação por páginas ao longo do ano transacto. A uma enorme distância surgem o Netlog (5,7 por cento) e o Myspace (1,5 por cento).

Nas contas da comScore, o país ocupa o 3.º lugar do "ranking" europeu em número de utilizadores destas redes, apenas atrás da Espanha e do Reino Unido. Segundo um relatório desta empresa, 72,9% dos utilizadores de Internet com mais de 15 anos e que acedem ao computador a partir do lar, visitaram, em Dezembro último, um site de relacionamento social.



**PORTUGAL**  
É DE TODOS

CLIQUE E ENVIE PROPOSTAS  
PARA UM PAÍS MELHOR

CLIQUE E LEIA AS JÁ RECEBIDAS

Presente em Portugal desde Agosto, o Myspace está perto de atingir o meio milhão de inscritos, bem à frente do Facebook , que não terá chegado ainda aos 100 mil, uma vantagem que se mantém ainda a nível mundial: cerca de 250 milhões de utilizadores contra mais de 175 milhões do seu grande rival. Apesar da vantagem no número de utilizadores, o Myspace perdeu em Janeiro o primeiro lugar do "ranking" de popularidade para o Facebook , que apresenta mais de mil milhões de visitas por mês, contra as cerca de 810 milhões de visitas do Myspace .

**Palavras-chave** redes sociais, Internet, net, web, Facebook, MySpace, Hi5, APAV, netlog, comportamentos, risco, adolescentes, sexo, droga, violência, Archives of Pediatric & Adolescent Medicine

 Aumentar Texto  Diminuir Texto  Link para esta página  Aumentar texto  Diminuir texto  Imprimir  Enviar por email **Partilhe este artigo**          

Aviso

**FAQ.** Como funciona a comunidade no Expresso

**Para fazer o seu comentário precisa de estar registado. O registo é gratuito e demora pouco mais de 30 segundos.**

Se já for utilizador registado, coloque o seu mail e palavra-chave nos campos para o efeito, na página de registo. Depois disso, poderá comentar qualquer conteúdo.

Clique aqui para se registar.

Em caso de dúvida escreva-nos para [novosite@expresso.pt](mailto:novosite@expresso.pt), seremos tão breves quanto possível a responder.

Miguel Martins, Editor de Multimédia do Expresso

[Voltar](#)

## Últimas Actualidade »

- Concurso polémico escolhe 10 melhores vinhos**  
22:30 Sábado, 28 de Mar de 2009,  [3 comentários](#) [1521 visitas]
- Férias no paraíso**  
22:30 Sábado, 28 de Mar de 2009,  [1 comentário](#) [1321 visitas]
- Freeport: Smith desmente injúrias a Sócrates**  
19:35 Sábado, 28 de Mar de 2009,  [28 comentários](#) [1323 visitas]
- Ilha do Rato comprada por 260 mil euros**  
19:28 Sábado, 28 de Mar de 2009,  [1 comentário](#) [2665 visitas]
- Freeport: Ferreira Leite defende esclarecimentos**  
19:02 Sábado, 28 de Mar de 2009,  [13 comentários](#) [547 visitas]
- Louçã acusa PS de "não querer" combater a corrupção**  
17:07 Sábado, 28 de Mar de 2009,  [4 comentários](#) [377 visitas]
- Educação encontra mais erros no 'Magalhães'**  
16:33 Sábado, 28 de Mar de 2009,  [13 comentários](#) [1259 visitas]
- PSP detém 350 pessoas em mega-operação**  
16:26 Sábado, 28 de Mar de 2009,  [7 comentários](#) [792 visitas]
- Madonna adopta menina africana**  
14:14 Sábado, 28 de Mar de 2009,  [2 comentários](#) [757 visitas]
- Quatro fogos por circunscrever no norte**  
13:49 Sábado, 28 de Mar de 2009,  [Comente](#) [377 visitas]

[Leia aqui toda a informação das últimas 24 horas | últimos 2 dias | anterior »](#)





**ATLETISMO****Sandra Teixeira  
vence em Lisboa**

■ Sandra Teixeira e Luís Pinto ganharam ontem a Corrida da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), em Lisboa. Ricardo Ribas e Manuel Silva completaram o pódio masculino. Entretanto, José Maduro venceu o Grande Prémio do JO-MA (Queluz), António Sousa e Cristina Pontes venceram os 12 Km de Salvaterra de Magos e Yousef el Kalai e Marisa Barros triunfaram no Grande Prémio Rui Nabeiro, em Elvas. **A.C.** □



AS AVALIAÇÕES DE RISCO QUE OS MAGISTRADOS FAZEM NOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

# A vida nas mãos dos juízes

Dois agressores que esfaquearam as mulheres: só um ficou em preventiva. Justiça com dois pesos e duas medidas

Texto • Rute Coelho  
rute.n.coelho@24horas.com.pt

Um homem que esfaqueia a mulher várias vezes, atira-lhe ácido muriático ao pescoço e em seguida tenta suicidar-se com ácido é ou não um perigo? Deveria ou não estar preso?

Um juiz de instrução criminal entendeu sobre este caso, passado em Lisboa, que o agressor deveria sair em liberdade, sujeito apenas a proibição de contactos com a vítima e afastamento da residência, como o *24horas* noticiou na edição de terça-feira. Já num outro caso, noticiado também na sema-



As vítimas de violência doméstica estão sempre dependentes da aplicação da lei

na passada e muito semelhante ao de Lisboa, um agressor que golpeou a mulher quatro vezes, em plena rua, em Vila das Aves, Santo Tirso, foi detido e ficou em prisão preventiva.

"No caso do ácido, parece que a avaliação seria a de risco máximo, porque havia perigo de o agressor voltar a

atentar contra a vida da mulher e contra a própria vida", comentou fonte judicial.

"Por outro lado, o tipo de aglomerado populacional altera as medidas de coacção. Numa aldeia, o alarme social é maior e também há maior risco de perturbação da produção de prova. Por isso, é mais fácil aplicar a preventi-

va", adiantou a mesma fonte. O afastamento da residência e proibição de contactos são as restrições mais frequentes para agressores domésticos. O problema é que é habitual

números

**ALARME.** O ano passado houve 76 queixas de violência doméstica por dia, apresentadas na GNR e na PSP, segundo o Relatório Anual de Segurança Interna. Houve um aumento de 22% no número total de queixas.

**LEI.** A proposta de lei de violência doméstica apresentada pelo Governo, que prevê a detenção fora de flagrante delito, ainda está na especialidade, no Parlamento. Só em finais de Abril ou início de Maio entrará em vigor.

os suspeitos gostarem de se exibir perto da casa da vítima. "Muitas vezes passam perto da casa da mulher só para se exibirem e provocarem. Mas para ficarem em preventiva é preciso que o incumprimento da medida de coacção seja reiterado", adiantou a mesma fonte.

## Avaliação de risco em cada caso

Ao juiz de instrução cabe sempre a decisão de peso — a

de quando decretar a prisão preventiva. "Os polícias e os tribunais fazem uma avaliação de risco em cada caso", sublinha João Lázaro, secretário-geral da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

A nova lei de violência doméstica prevê, segundo o responsável da APAV, equipas da Reinserção Social para monitorizar o cumprimento das medidas de coacção. ■

## Três casos em três dias

A PSP de Beja registou a ocorrência de três casos de violência doméstica apenas no passado fim-de-semana. Dois dos casos são de agressão de homem para mulher e um deles é fora da esfera conjugal. Tata-se do

caso de uma mãe que agrediu a filha na escola, em Beja. A polícia foi chamada ao estabelecimento de ensino e a vítima foi encaminhada para uma instituição de menores, apurou o *24horas* com fonte policial.

A Polícia de Segurança Pública de Beja é a única em todo o País que acolhe,

nas instalações do Comando, o Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica (NAV), orientado pelo comissário Nuno Poiares. A funcionar há um ano, o Núcleo já atendeu 61 vítimas. Um psicólogo, um jurista, uma assistente social e uma advogada integram o NAV.





**VEISEU ■ D. ILÍDIO DESVALORIZA POLÉMICA SOBRE O PRESERVATIVO**

# Bispo respeita divórcio em casos de violência

■ Prelado afirmou que a violência atinge maior gravidade quando acontece no seio da família

● LUÍS OLIVEIRA

O bispo de Viseu afirmou ontem "respeitar as pessoas que optam pela separação" em casos de violência doméstica, mas salientou que esta "chaga social" deve ser combatida através "dos valores da família".

D. Ilídio Leandro, que falava numa conferência sobre violência doméstica, promovida pela Assembleia Municipal de Viseu, ressaltou que, embora respeite, discorda do divórcio, porque "há outras formas de resolver" um problema que provocou um aumento de 10% de queixas em 2008.

O bispo de Viseu explicou que a Igreja é "contra qualquer tipo de violência", que atinge "maior gravidade quando se verifica no seio da família", porque "a família assume um papel fundamental para a aprendizagem dos valores".

Elza Pais, presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, considerou a violência doméstica um "problema gravíssimo que não escolhe idade ou classe social", sublinhando que "as vítimas têm a obrigação de o denunciar".

Durante a conferência, D. Ilídio Leandro foi muito aplaudido e elogiado por ter assumido em público



D. Ilídio Leandro discorda do divórcio mas respeita-o quando resulta de casos de violência doméstica

## APONTAMENTOS

### 10 001 QUEIXAS NA APAV

A Associação Portuguesa de Apoio à vítima registou, em 2008, 10 001 queixas de violência - 90% foram de violência doméstica.

### 766 CASOS EM VISEU

A PSP e GNR de Viseu investigaram, no ano passado, 766 casos de violência doméstica.

a concordância com a utilização do preservativo como forma de impedir a propagação do vírus da sida.

Carlos Vieira, presidente da Associação Olho Vivo, referiu, no entanto, que a Igreja "ainda tem que dar muitos passos para se actualizar à realidade do século XXI". D. Ilídio Leandro respondeu que a Igreja "não precisa de muitas lições da sociedade para elevar o

## Bispo diz que a Igreja respeita as pessoas do séc. XXI

valor da pessoa humana". "A Igreja respeita as pessoas que vivem no século XXI. Tudo farei para que esteja actualizada em ordem com a posição da pessoa humana", adiantou o bispo.

O prelado desvalorizou a polémica que a sua tomada de posição sobre o uso do preservativo causou no seio do clero: "O texto está escrito e sobre isso não tenho mais nada a dizer". ■





## VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Os maus tratos voltaram a aumentar e os números são assustadores. De 2007 para 2008, houve mais 12 por cento de factos criminosos registados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV): 16 667 há dois anos, contra 18 669 no ano passado. E as vítimas continuam a ser sobretudo as mulheres: 87,1 por cento do total, tanto em 2007 (6130 mulheres) como em 2008 (6838 mulheres), principalmente entre os 26 e os 45 anos de idade (33,1 por cento).

Em cada sete dias, em 2008, cerca de 142 mulheres foram vítimas de crime (o que dá uma média de 20 por dia), bem como cerca de 20 homens (média de três por dia), cerca de 13 crianças (média de duas por dia) e cerca de 14 pessoas idosas (média de duas por dia).

Segundo a APAV, as características familiares das vítimas de crime encontram-se grandemente associadas à chamada família tradicional: 47,6 por cento de vítimas casadas, que pertencem a um tipo de família nuclear com filhos (51,6 por cento). Os autores dos crimes também



GETTY IMAGES

### PERFIL DO AUTOR DO CRIME

- Homem (86,9%)
- Entre os 26 e os 55 anos (40%)
- Casado (52%)
- Português (72,9%)
- Entre o 1.º Ciclo e o Ensino Superior (27,8%)
- Relação familiar com a vítima (77%)
- Vive do próprio trabalho
- Prática de crimes de violência doméstica (90%) de forma continuada (79,8%)

Fonte: APAV

pertencem, em 52 por cento dos casos, ao estado civil de casados, sendo 55,3 por cento cônjuges ou companheiros das vítimas.

Os crimes de maior relevo estão distribuídos por seis categorias e, de entre elas, a violência doméstica é a que mais se destaca, representando 90 por cento dos 18 669 crimes assinalados em 2008. Dentro desta categoria, os crimes principais são os maus tratos físicos e psíquicos. Os autores de crimes de violência doméstica são, em cerca de 90 por cento dos casos, do sexo masculino. E em 74,3 por cento das situações, os crimes registados tiveram lugar na residência comum (entre vítima e autor do crime), seguindo-se a residência da vítima (10,6 por cento) e o lugar/via pública (6,2 por cento).

Em 2008, a APAV atingiu os 10 001 processos de apoio, num universo de mais de 20 000 pessoas atendidas e apoiadas. Lisboa destaca-se como o principal distrito de residência da vítima, com 33 por cento do total de processos de violência doméstica. Depois vêm os distritos do Porto (11,2 por cento), Faro (10,5 por cento), Setúbal (7 por cento) e Braga (5,7 por cento).

Tratando-se de um problema transversal a toda a sociedade portuguesa, a violência contra as mulheres exige uma atenção muito especial por parte do Estado e medidas mais eficazes do que as que têm sido tomadas até agora. As estatísticas da APAV, ano após ano, estão aí a prová-lo!